



Adolescentes e jovens frente à morte

Mário Corso

O flerte dos adolescentes e jovens com a morte

Silvia Borelli

A morte como imagem forte na visão dos jovens contemporâneos

Thaís Roloff

A vida é feita de perdas necessárias

E mais:

>> **Cybelle Shattuck:**
Hinduísmo, indivíduo e cosmos

>> **Charles Smith:**
Um geógrafo interessado
em evolução

Adolescentes e jovens frente à morte

Sempre por ocasião do assim Dia de Finados, a **IHU On-Line** aborda, sob diversos olhares, o tema da morte. Nesta edição, instigada por um certo fascínio de adolescentes e jovens pela morte, o psicanalista gaúcho **Mário Corso**, que, não acreditando que o flerte com a morte seja maior na adolescência, constata, no entanto, que ele é mais perigoso. Contribuem também com o debate do tema a antropóloga e professora na PUC-SP, **Silvia Borelli** e a psicóloga **Thaís Roloff**.

Nesta edição continua também o debate sobre diversos temas que foram destaque nas últimas edições. Assim, **Cybele Shattuck**, professora assistente de Religiões Orientais na Western Michigan University, compartilha as suas pesquisas sobre o hinduísmo e o geólogo norte-americano **Charles Smith** comenta o papel de Wallace, contemporâneo de Charles Darwin, sobretudo o seu interesse em zoogeografia. Por sua vez, **Paulo Brack**, ecólogo e professor da UFRGS, expõe as suas preocupações com a Convenção do Clima a ser realizada, em dezembro, em Copenhague. Ele fala, nesta quinta-feira, às 17h30min, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, sobre *O futuro em Copenhague? Mudanças e mudanças*.

Sérgio Mattos, professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, publica um artigo sobre “TV digital, a convergência tecnológica e a função do celular”.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mário Corso: O flerte dos adolescentes e jovens com a morte

PÁGINA 07 | Silvia Borelli: A morte como imagem forte na visão dos jovens contemporâneos

PÁGINA 09 | Thaís Roloff: “A vida é feita de perdas necessárias que estão ligadas ao nosso crescimento”

PÁGINA 10 | Enquete: O que pensam os jovens sobre a morte?

B. Destaques da semana

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 14 | Charles Smith: Um geógrafo interessado em evolução

PÁGINA 18 | Cybelle Shattuck: Hinduísmo. A relação entre o indivíduo e a Verdade fundamental do cosmos

» Coluna Cepos

PÁGINA 23 | Sérgio Mattos: A TV digital, a convergência tecnológica e a função do celular

» Destaques On-Line

PÁGINA 25 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos »

PÁGINA 30 | Paulo Brack: Copenhague: uma convenção para além de “boas intenções”?

» Sala de Leitura

» IHU Repórter

PÁGINA 34 | José Carlos Moreira da Silva Filho



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O flerte dos adolescentes e jovens com a morte

O psicanalista Mário Corso não acredita que o fascínio pela morte seja maior na adolescência, apenas que este encontro seja mais perigoso, em função da fragilidade e da vulnerabilidade nessa fase da vida. Não há idade privilegiada para ocupar-se da morte, defende

POR GRAZIELA WOLFART

“**A**credito que o suposto flerte adolescente não é exatamente com a morte, mas com o sentido da vida. É isso que ele quer saber: colocar-se a questão do suicídio é apenas a versão terrorista para perguntar aos seus adultos sobre uma boa razão para viver. Ocorre que, na adolescência, muitas questões sobre a vida, seu valor e para o que mesmo vale a pena viver, são colocadas de maneira dura e não encontram nem respostas, nem sequer adultos querendo falar disso”. A reflexão é do psicanalista Mário Corso, em entrevista concedida, por e-mail, para a IHU On-Line. Para ele, “a morbidez é só aparência, ou algum que outro adolescente que queira aparecer para dizer que não tem medo de nada, afinal, fica caminhando na borda do precipício. Essa coragem também faz parte desse drama, na verdade, coragem mesmo precisamos para viver, não para ir embora, isso é fácil”.

Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA, Mário Corso é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Escreveu os livros *Monstruário* (Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002) e *Fadas no divã* (Porto Alegre: Artmed, 2006), este em parceria com Diana Lichtenstein Corso. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender o fascínio que alguns jovens têm pela morte? Que aspecto da morte pode fascinar um ser no auge da vida? É possível falar em flerte entre suicídio e adolescência?

Mário Corso - Não acredito que o fascínio pela morte seja maior na adolescência, apenas este encontro mais perigoso. Uma psicanalista francesa, F. Dolto,¹ usa uma imagem para falar da adolescência que me parece muito pre-

1 Françoise Dolto (1908-1988): médica e psicanalista francesa, defendeu tese em Medicina sobre o tema das relações entre a psicanálise e a pediatria. Em 1938, conhece Jacques Lacan, que acompanhou ao longo da sua carreira de psicanalista. Durante 40 anos, Lacan e Dolto seriam o casal “parental” para gerações de psicanalistas franceses. Publicou diversos livros, todos eles ligados à psicanálise de crianças e adolescentes e fez vários estudos e tratamentos longitudinais de adolescentes com problemas. Entre suas obras citamos *Psicanálise e pediatria: as grandes noções da psicanálise*; *Como educar os nossos filhos: compreensão e comunicação entre pais e filhos*; *Transtornos na infância: reflexões sobre os problemas psicológicos e emocionais mais comuns na criança*; e o polêmico *A Psicanálise dos Evangelhos*. (Nota da IHU On-Line)

cisa. Ela fala de complexo de lagosta. As lagostas, por possuírem um exoesqueleto, têm a necessidade de trocá-lo para poder seguir crescendo, e então, durante um tempo em que abandonam a carapaça, e até que a nova endureça, estão desprotegidas de ataques de certos predadores, estão mais vulneráveis. A imagem é perfeita para descrever a adolescência. São eles que estão mais frágeis e, então, são presas mais fáceis de tudo, logo, também da morte. Um dos mecanismos mais comuns usados quando estamos fracos é a soberba, a arrogância e um pouco de violência. Isso denota não uma força, mas uma fragilidade. Os adolescentes usam isso para compensar seu momento frágil e nos parecerem mais fortes. Nos enganam direitinho. Dentro desse quadro, está também a onipotência, a certeza (quase delirante, claro) de que nada vai me acontecer, que tenho sorte ou o corpo fechado. Esse comportamento aumenta as chances de risco nessa idade da vida. Se você observar crianças

brincando, jogando videogame, verá que a questão da morte também está colocada. É possível morrer muitas vezes num jogo. Esse jeito de brincar é uma forma rebaixada de filosofar sobre a vida e a morte. A criança usa os mecanismos básicos do qual dispõe, mas a questão sobre o que é a vida e a morte já está sendo colocada, basta saber ouvir. Na idade adulta, alguns neuróticos obsessivos vivem para evitar a morte, enquanto que, para os hipocondríacos, atrás de suas questões com o corpo e a doença, está a morte. Não há idade privilegiada para ocupar-se dela. Acredito que o suposto flerte adolescente não é exatamente com a morte, mas com o sentido da vida. É isso que ele quer saber: colocar-se a questão do suicídio é apenas a versão terrorista para perguntar aos seus adultos sobre uma boa razão para viver. Ocorre que, na adolescência, muitas questões sobre a vida, seu valor e para o que mesmo vale a pena viver, são colocadas de maneira dura e não encontram nem respostas,

nem sequer adultos querendo falar disso. Mas, quando vocês, na pergunta, colocam que a adolescência é o auge da vida, estão falando de quê? Será que não existe um equívoco entre o auge físico e outras coisas? Certamente de sabedoria podemos dizer que não é o auge. Eles podem ter boas perguntas, o que não é pouco, mas só engatinham em respondê-las.

IHU On-Line - Como o tema da morte aparece nas discussões virtuais, nas redes sociais da Internet, entre os jovens?

Mário Corso - Aparece justamente da pior forma, porque não existe outro espaço para falar disso. A escola não é um lugar de reflexão (ou pelo menos raramente), apenas um lugar de transmissão de um saber pré-determinado pelo que vai cair num vestibular ou num Enem futuro. Quando falam da volta da filosofia nas escolas espero que seja algo mais que uma cadeira de história do pensamento filosófico, mas de um espaço em que adultos topem filosofar sobre questões que os jovens queiram falar. Não adianta reclamar que eles vão ficar falando sobre suicídio na Internet se nós não falamos com eles sobre a morte e o sentido da vida. Além disso, falar sobre suicídio não é necessariamente falar sobre a morte, mas pode ser uma maneira indireta e rebaixada de falar do valor da vida. Falta alguém com mais experiência e sabedoria que conduza as questões. A morbidez é só aparência, ou algum que outro adolescente que queira aparecer para dizer que não tem medo de nada, afinal, fica caminhando na borda do precipício. Essa coragem também faz parte desse drama, na verdade, coragem mesmo precisamos para viver, não para ir embora, isso é fácil.

As famílias também não estão num momento que consigam falar com os jovens, justamente por idealizarmos essa idade da vida como auge, temos dificuldade de falar com eles. O homem atual é meio perdido de valores e de certezas, por isso se encolhe nas discussões. Precisamos incentivá-los, afinal, a transmissão da dúvida eu já acho grande coisa, as pessoas que duvidam geralmente são mais sábias e fazem menos bobagens do que as que têm certezas.

IHU On-Line - O medo da morte aumenta nos jovens da sociedade atual, marcada pela violência e pela insegurança?

Mário Corso - Vou dar uma resposta que serve menos para o Brasil, mas que de alguma forma nos alcança. Ser jovem num país sem guerra é mais fácil. Na Europa da virada do século XIX e depois nas duas guerras mundiais, os adolescentes eram a massa dos soldados e morriam aos milhares. Especialmente a primeira guerra mundial matou uma parcela enorme da sua juventude, uma geração foi mutilada. Será mesmo que a nossa época é difícil para os jovens? Aqueles sim que tinham pavor de morrer à toa, boa parte da contracultura começou num protesto para não ir à guerra do Vietnã, quem ia às passeatas eram os jovens que não queriam ir morrer lá por uma causa bem abstrata. As civilizações sempre usaram os jovens para soldados por não terem laços para frente, não são pais ainda, temem menos a morte, por isso se arriscam mais, sabem que não deixam ninguém dependendo deles. De certa forma isso vale também para a situação civil, os jovens têm menos laços de compromissos e podem arriscar mais.

IHU On-Line - Como o jovem reage diante da morte de outro jovem?

Mário Corso - Não existe uma resposta padrão pelo adolescente. Cada um faz como pode, desde o desencadeamento de síndrome do pânico até uma indiferença, que na verdade é uma impossibilidade de elaborar, e que joga para frente, para quando conseguir. O que parece frieza, na verdade, é uma impossibilidade de digerir, como se não houvesse um software que decodificasse a situação. Vejo adultos em análise finalmente conseguindo chorar a perda de amigos da adolescência que se foram. De qualquer forma, para os que cercam o falecido, sempre é um balde de água fria na onipotência a ideia de que as coisas acontecem para todos.

IHU On-Line - Por que é ainda tão difícil falar sobre o fim da vida?

Mário Corso - Vocês são otimistas com o "ainda". Quer dizer que um dia vai ser mais fácil? Creio que quanto menos transcendência, mais difícil de falar.

Se o que temos é essa vida, e vivemos para nossas pequenezas, como que iria ser fácil falar? Acho que, para abordar com tranqüilidade, é necessário ter uma vida mais ampla, com algumas realizações maiores do que o horizonte do consumismo que vivemos.

IHU On-Line - O que a concepção da morte pelos jovens fala sobre a forma como eles vivem a vida na sociedade atual?

Mário Corso - Pessoalmente eu acho que é o contrário. Acho que é a vida que levamos que nos faz ter uma concepção da morte. A vida é uma experiência, e com ela podemos aprender, a morte é uma abstração que, aos poucos, tentamos circunscrever. Vivemos uma época diferente, a pós-modernidade, tal como a entendo, significa a queda das grandes referências (incluindo as religiões), dos grandes discursos dominantes, o que faz com que cada um de nós tenha que montar a sua síntese particular. Acho isso um desafio, algo que dá uma liberdade, mas pede muito. Logo, não existe um grande sentido da vida *a priori*, e é relativo a esse sentido que uma vida vai ter valor, sobre esse valor que uma morte terá sentido. Exemplo prático: as estatísticas de suicídio nos mostram que elas são maiores onde o valor da vida é maior, afinal ali esse ato tem um grande sentido. Onde a vida humana não vale grande coisa, os índices são baixíssimos, afinal, lá esse ato não vai comover ninguém. Por isso é mais fácil um suicídio numa família pequena, ao estilo filho único, do que numa grande, onde há muitos irmãos.

LEIA MAIS...

>> Mário Corso já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *"O grande medo dos jovens é não encontrar um lugar no mundo adulto"*, publicada na IHU On-Line número 273, de 15-09-2008, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1289&id_edicao=301

* *A grande esperança da revolução sexual não se deu*, publicada na IHU On-Line número 173, de 27-03-2006, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346590.18pdf.pdf>

A morte como imagem forte na visão dos jovens contemporâneos

Para Silvia Borelli, a dimensão da morte traz uma fragilidade muito maior diante da vida moderna e cotidiana

POR GRAZIELA WOLFART

Silvia Helena Simões Borelli é antropóloga, pesquisadora e professora de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Fez graduação em Ciências Políticas e Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e mestrado, doutorado e livre docência na PUC-SP. É pesquisadora nas áreas de antropologia, comunicação e culturas contemporâneas (culturas urbanas e juvenis, produção e recepção midiáticas, televisão e telenovelas, livros e mercado editorial) e co-autora de *Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação* (São Paulo: Paulinas, 2009). A obra é fruto de uma pesquisa coordenada por ela sobre a identidade cultural de jovens de diferentes classes sociais das zonas Sul e Oeste de São Paulo. E uma das etapas da investigação foi justamente sobre as concepções dos jovens urbanos sobre a vida e a morte. E foi a partir desta pesquisa que a IHU On-Line entrevistou a professora Silvia Borelli por telefone. Na entrevista, Borelli explica as diferenças entre jovens da periferia, que vivem o que ela chama de “morte anunciada” e os jovens com mais alto capital cultural, que vivem a “morte inesperada”. Ela entende que, “se o medo de morrer, o medo da sua própria morte e o medo de perder pessoas queridas atinge a todos como uma referência mais universal, com certeza, estes jovens de periferia vão ter um primeiro contato com a morte bastante diferenciado de outros jovens que estão menos expostos a ela”. A partir dos resultados da pesquisa, a professora identificou que a dimensão cultural de celebração da vida pelos rituais familiares e institucionais (lazer, baladas, consumo) funciona como um “contraponto para a dimensão da angústia com a morte”. E concluiu que, para os jovens, hoje, “a questão da exposição à morte está muito ligada a essa ideia de uma vida mais frágil, descartável. Tem a ver com a compreensão do tempo, com a velocidade da vida cotidiana, que nos expõe muito mais a riscos”. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a concepção de morte que os jovens urbanos possuem de modo geral?

Silvia Borelli - O trabalho de pesquisa que fizemos, publicado no livro *Jovens na cena metropolitana - percepções, narrativas e modos de comunicação*, não estava centrado na questão da vida e da morte, mas num conjunto de referências e dimensões da vida cotidiana que levavam para a reflexão sobre a morte. Muitas vezes, tanto as políticas públicas quanto a própria academia tendem a conceber a juventude como criminalizada, o jovem como violento. Nós estamos construindo uma reflexão que vai na contramão dessa visão do jovem criminalizado. É como se essa ideia já levasse a uma articulação en-

tre a concepção de juventude e uma proximidade maior em relação à morte, ao medo da morte, à morte de jovens nas periferias dos grandes centros urbanos. Então, em primeiro lugar, está o debate que levantamos sobre uma concepção de juventude vinculada à essa criminalização, à violência e à questão da morte. Depois, trabalhamos também com a ideia da violência em si, e como essa reflexão sobre a violência inevitavelmente leva a uma articulação com a questão da morte. Temos jovens, ao mesmo tempo, vítimas e protagonistas da violência nas grandes cidades. E quando pegamos as periferias dessas grandes metrópoles, veremos claramente o que seria uma morte anunciada, uma morte muito próxima da vida

cotidiana desses jovens. Os jovens das periferias morrem muito próximos das suas casas, das instituições onde participam.

IHU On-Line - Como os jovens relacionam morte e religiosidade?

Silvia Borelli - Ao mesmo tempo em que há um contexto de negação pelos coletivos juvenis, está muito presente entre eles a força da religiosidade. Como consequência dessa relação com as religiosidades, vem a ideia de como eles concebem a vida para além da morte. Óbvio que não é uma temática tão constante como poderia ser para mais velhos, porque há uma certa onipotência juvenil, e a morte parece mais distante, mas, com certeza, para

esses jovens da periferia, essa reflexão sobre a vida além da morte está muito presente.

IHU On-Line - O jovem demonstra medo de morrer?

Silvia Borelli - Nossa pesquisa trabalhou com dois segmentos de jovens da cidade de São Paulo. Um deles comporta os jovens situados na zona sul da cidade, ou seja, com carência de infra-estrutura, saúde, educação e lazer, que vivem muito essa condição da morte anunciada, próxima à sua casa. Com certeza, a tematização da vida para além da morte, o medo de morrer e a morte em si aparecem como uma referência dentro da vida cotidiana. Isso também aparece, de certa maneira, no outro segmento pesquisado, que são jovens de outras regiões da cidade, com acesso a lazer e a consumo. Não são propriamente jovens de renda alta, mas com capital cultural muito alto. É óbvio que essa questão da morte dentro da vida é um pouco mais distante para esses últimos, mas numa cidade como São Paulo, certamente, essa vertente do medo de morrer passa tanto por jovens que vivem a morte no cotidiano, como por jovens que estão menos expostos a ela.

IHU On-Line - O que é mais forte para eles, o medo da própria morte ou da morte das pessoas que amam?

Silvia Borelli - Isso é importante. Muitos dos relatos que coletamos têm a ver com o tema do primeiro contato com a morte. Para muitos jovens, o primeiro contato com a morte passa exatamente por essa relação com os mais velhos que morreram: avós ou mesmo os que perderam o pai ou a mãe. Para muitos deles, a primeira aproximação com a morte diz respeito à perda dos mais velhos e das pessoas vinculadas à família. Esse medo da perda dos entes queridos, dos familiares ou dos amigos está muito evidente nos relatos deles. Para esses jovens que vivem a morte anunciada, com certeza, o primeiro contato com ela não se dá obrigatoriamente pela relação com os mais velhos. Por vezes se dá pela perda de jovens da sua própria idade. Se o medo de morrer, o medo da sua própria morte e o medo de perder pessoas queridas atinge a todos como uma referên-

“Temos jovens, ao mesmo tempo, vítimas e protagonistas da violência nas grandes cidades”

cia mais universal, com certeza, estes jovens de periferia vão ter um primeiro contato com a morte bastante diferenciado de outros jovens que estão menos expostos a ela.

IHU On-Line - Que sentimentos em relação à vida e à morte são despertados nos jovens que experimentam a violência no dia-a-dia?

Silvia Borelli - Com certeza, diante da manifestação das angústias, da tentativa de encontrar saída e perspectivas para o entendimento daquilo que, para muitos jovens, parecia ser a fatalidade, que eles racionalmente não podem e não conseguem explicar, entram muito na dimensão do que significa a celebração da vida como algo extremamente importante. É como se essa dimensão cultural de celebrar a vida, pelos rituais familiares e institucionais e pelo próprio cotidiano (lazer, baladas, consumo), fosse um contraponto para a dimensão da angústia com a morte.

IHU On-Line - O que marca a concepção da morte por parte dos jovens na época atual? Qual a marca da sociedade contemporânea em relação à questão da morte?

Silvia Borelli - Há uma série de mitologias contemporâneas, mitos modernos, que tentam apontar a dimensão da morte como uma referência na tradição, na história. Mas, sem dúvida, eu diria que hoje, para os jovens, a questão da exposição à morte está muito ligada a essa ideia de uma vida mais frágil, descartável. Tem a ver com a compreensão do tempo, com a velocidade da vida cotidiana, que nos expõe muito mais a riscos. Com certeza, a dimensão da morte traz uma fragilidade muito maior diante da vida moderna e cotidiana.

IHU On-Line - O que explica o fascínio

que alguns jovens têm pela morte?

Silvia Borelli - Foi exatamente essa a hipótese que trabalhamos em nossa pesquisa, na relação entre morte e consumo. A questão da morte de jovens está muito posta hoje. Quando pensamos em como isso aparece na história, temos o cinema, onde marcaram muito personagens que se tornaram símbolos, como James Dean,¹ com a ideia de vidas que vão sendo ceifadas muito prematuramente. Isso é uma característica do viver nas grandes cidades, ou seja, os jovens reconhecem estar dentro dessa dimensão imaginária do mundo contemporâneo, e que a morte pode estar próxima, e não mais inserida numa cadeia de tradições (nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer). Essa dimensão do moderno trouxe a questão da morte para muito mais perto dos jovens. Nesse sentido, uma forma de lidar com isso é transferir essas imagens todas - penso na Internet, nas camisetas que eles usam e produzem, nas capas de CDs e discos que colecionam - como referencial em que, para além de todas as referências de vida e consumo, a morte aparece também, como uma imagem muito forte nessa visão de mundo dos jovens contemporâneos.

IHU On-Line - Qual a particularidade do jovem na apropriação da questão da morte, comparando com outras etapas da vida?

Silvia Borelli - A questão da morte é apropriada pelos jovens de uma maneira específica, entretanto, não podemos esquecer que ela perpassa toda a condição humana. A morte é universal para a condição humana e ela acaba mexendo com o imaginário tanto de jovens que vivem uma condição melhor de vida cotidiana na grande cidade quanto de jovens que vivem em condições muito mais precárias nas periferias das grandes cidades. Ela é uma dimensão universal, mas, obviamente, assume uma particularidade muito mais forte na vida cotidiana de jovens que têm que conviver com a morte muito prematuramente na esquina da sua própria casa.

¹ James Byron Dean (1931-1955) foi um ator estadunidense. É considerado por muitos como um ícone cultural, como a melhor personificação da rebeldia e angústias próprias da juventude da década de 1950. (Nota da IHU On-Line)

“A vida é feita de perdas necessárias que estão ligadas ao nosso crescimento”

Thaís Roloff entende que a religião e a fé podem ajudar muito no momento do luto, “se ela for coerente e puder responder aos anseios paradoxais que o luto nos coloca. Mas o que entendemos por fé?”, questiona

POR GRAZIELA WOLFART

“**C**rescemos tendo que desistir, precisamos abrir mão do velho para dar lugar ao novo. A vida é feita de perdas necessárias que estão ligadas ao nosso crescimento. Somos apegados ao que batalhamos tanto para conseguir e ficamos apavorados com o que não conhecemos. O conflito se instala e tentamos jogar para um futuro distante esse medo da morte. Nos agarramos aos filhos, a uma meta de enriquecermos, de ficarmos famosos, mergulhamos nos rituais religiosos. É inevitável, carregamos a ferida da mortalidade. Quanto mais bem vivida for a vida, melhor pode ser a nossa morte”. Quem defende essa ideia é a psicóloga Thaís Monteiro Roloff, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Para ela, os rituais na Igreja Católica em relação à morte “não se atualizaram com a mesma velocidade como os jovens de hoje, não dão conta nem das questões sociais, como o sexo e o aborto, quem dirá com relação à morte”.

Thaís Monteiro Roloff é psicóloga, especialista em Gestão de Pessoas nas Organizações, com formação em Terapia Sistêmica. É coordenadora do Grupo de Espera do Programa Clínica Social da Associação Instituto Movimento, de Florianópolis, Santa Catarina. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a senhora analisa a forma dos jovens de viver o luto? Qual o papel da religião e da fé nesses momentos?

Thaís Roloff - Penso que a questão começa com a reflexão sobre como os jovens vivem as suas vidas. De que maneira exercem a responsabilidade e o autocuidado. Esse ponto fala sobre uma consciência de ser, de estar conectado consigo. Que bases emocionais a família possibilitou a esse jovem ao longo desse tempo até chegar à juventude? O luto pode ser a perda de um ente querido, pode ser a mudança de cidade, a separação dos pais ou de amigos, o fim de um namoro. É uma fase crítica, pois ainda são imaturos do ponto de vista da experiência de vida. Claro que não podemos generalizar, mas o luto pode ser feito a partir de algumas fugas para evitar a dor, como, por exemplo, entrar nas drogas. Pode ser que a religião e a fé ajudem muito

se ela for coerente e puder responder aos anseios paradoxais que o luto nos coloca. Mas o que entendemos por fé?

IHU On-Line - Em que sentido a morte representa um desafio na sociedade contemporânea marcada pela autonomia e pelos avanços científicos e tecnológicos que buscam retardar o envelhecimento de todas as formas?

Thaís Roloff - Crescemos tendo que desistir, precisamos abrir mão do velho para dar lugar ao novo. A vida é feita de perdas necessárias que estão ligadas ao nosso crescimento. Somos apegados ao que batalhamos tanto para conseguir e ficamos apavorados com o que não conhecemos. O conflito se instala e tentamos jogar para um futuro distante esse medo da morte. Nos agarramos aos filhos, a uma meta de enriquecermos, de ficarmos famosos, mergulhamos nos rituais religiosos. É inevitável, carregamos a feri-

da da mortalidade. Quanto mais bem vivida for a vida, melhor pode ser a nossa morte.

IHU On-Line - Existe alguma diferença em relação à concepção da morte entre jovens que vivenciam a fé nos grupos de jovens e aqueles que não estão integrados nessas comunidades religiosas?

Thaís Roloff - Pode ser que sim, como também pode ser que não. Penso que o ponto de partida seja a forma como as pessoas se relacionam com a religião. A princípio, tudo leva a pensar que sim, afinal, existe uma proposta de consciência maior, de preocupação com o outro, com a vida de uma forma geral.

IHU On-Line - Qual a contribuição da fé para a compreensão da morte por parte dos jovens, principalmente quando se trata da morte de alguém jovem também?

Thaís Roloff - O que significa ter fé? Para mim, é algo que me diz que tudo segue uma ordem maior, tudo tem uma razão para ser ou para acontecer. Precisamos confiar na vida e buscar aprender com as adversidades. Mas, quando eu tinha 18 anos, isso não estava amadurecido dentro de mim. Hoje, vivenciando minha gravidez, aos 36 anos, eu ainda consolido essa compreensão.

IHU On-Line - Como a senhora analisa a reação dos jovens diante dos rituais que envolvem a morte já tradicionais dentro da Igreja Católica? Sentem-se identificados?

Thaís Roloff - A partir do meu mundo interno de crenças, acredito que não. Os rituais na Igreja Católica não se atualizaram com a mesma velocidade como os jovens de hoje, não dão conta nem das questões sociais, como o sexo e o aborto, quem dirá com relação à morte.

IHU On-Line - Em que sentido a morte desperta no jovem a vontade de viver?

Thaís Roloff - Partindo do princípio da compreensão de que a morte teve espaço para ser realmente sentida e vivenciada como dor, ela pode despontar como possibilidade de se olhar a vida que está sendo vivida no presente, de que forma ela está sendo consumida. Experiências marcantes podem servir como catalisadores de mudanças. O jovem pode dar mais valor ao que tem, cuidar melhor de si, estar mais perto da família, cultivar os amigos, buscar outras perspectivas.

IHU On-Line - Como se caracteriza, entre os jovens, a questão da vida eterna, da ressurreição?

Thaís Roloff - Não acredito na força dessa questão. Atualmente, todos os jovens têm acesso a uma infinidade de conceitos diferentes, seja pela televisão ou mesmo por amigos. É possível encontrar, numa sala de aula, jovens com diferentes crenças sobre vida e morte, trocando essas informações e experiências. Além disso, essa é a fase dos questionamentos, da curiosidade, da experimentação, da busca de um sentido.

Enquete: O que pensam os jovens sobre a morte?

A IHU On-Line foi às ruas e ouviu a opinião de alguns jovens sobre a morte, perguntando o que eles e elas pensam sobre o tema e se têm medo de morrer ou não. Para manter a originalidade das falas dos entrevistados, transcrevemos seus depoimentos na íntegra, sem correção formal na língua portuguesa. Confira:

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS GRAZIELA WOLFART



“Não tenho que ter medo de uma coisa que é certo que vai acontecer. Quando for a hora que tiver que acontecer, que aconteça. Não tem muito que dizer sim ou não. Tenho mais medo da morte das pessoas que eu gosto do que da minha morte. Eu morrer, não tô nem aí. Uma hora vou ter que morrer mesmo. A hora não faz diferença”.

Diogo Almeida, 16 anos.

“Medo de morrer eu não tenho. Todo mundo um dia vai morrer. O problema é não saber o jeito que eu vou morrer: de acidente, de doença. A morte vem para todos, ninguém escapa de morrer. É difícil pensar na morte, porque o que a gente quer é viver”.

Lutiele Machado, 20 anos



“Medo de morrer todo mundo tem, porque as pessoas têm medo do desconhecido. Nunca tentei formular uma concepção sobre a morte, porque quando tu se prende em pensar sobre uma coisa que é ruim, como a morte, tu acaba entrando numa neura. Então procuro não pensar nisso”.

Felipe dos Santos de Campos, 17 anos.



“Não tenho medo de morrer, realmente. Nunca parei pra pensar sobre a morte. É um tema simples e complicado ao mesmo tempo. Não tenho medo de morrer cedo, apesar de ainda ter muita coisa

para aproveitar. A morte parece meio burra. A pessoa nasce, pode ter aproveitado pouca coisa e de repente, do nada, ela pode morrer e deixar de fazer tantas coisas. Eu sou novo, mas já tenho um filho. Seria difícil pra ele se eu morresse. Perder pai e mãe também deve ser uma coisa que nunca se esquece”

Éverton Luis de Souza, 21 anos

“Quando penso em morte me vem à mente a ideia de fim de vida. Isso significa deixar de realizar muitos sonhos que ainda tenho pela frente, deixar pessoas que eu gosto muito de conviver. Quando penso na possível morte das pessoas que amo acho que seria muito difícil assimilar a perda. Não tenho medo da minha morte. É algo que sei que vai acontecer um dia e espero que demore”.

Edson Zuze, 16 anos

“Morte é fim de sonhos e planos. E quem morre acaba fazendo falta para quem fica, para as pessoas do convívio. Tenho medo de morrer, sim. Fico pensado nas pessoas que precisam de mim e que vão ficar desamparadas quando eu for embora, por exemplo, meu irmão, que é mais novo e depende muito de mim”.

Adrielle Rojas, 16 anos

“Não sei bem ao certo o que realmente sinto sobre isso. Pois na verdade ninguém sabe o que realmente é a morte e talvez nós nem iremos descobrir o que realmente acontece e se acontece alguma coisa. Mas eu particularmente, não posso dizer que tenho ou não medo dela, mas sim tenho medo de não conseguir concluir meus sonhos antes que ela aconteça”.

Lúcio Teixeira, 23 anos



LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA E A ENTREVISTA DO DIA
NO ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevistas da Semana

Um geógrafo interessado em evolução

Geólogo norte-americano Charles Smith comenta interesse de Wallace em biogeografia, sobretudo em zoogeografia. Por isso, é considerado o pai dessas ciências, assinala

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP E WALTER SCHLUPP

Uma das grandes contribuições de Alfred Russel Wallace para a biologia e ciência modernas foram seus estudos em zoogeografia e biogeografia, que lhe conferem o título de pai destas ciências. A explicação é do geólogo norte-americano Charles Smith, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line, por ocasião de sua vinda ao IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. Wallace era um geógrafo interessado em evolução, acentua. Bastante diferente de Darwin, esse cientista demonstrou interesse científico no espiritismo, pois acredita que a evolução incluía uma evolução na direção de uma sociedade mais ética e moral.

Smith leciona na Western Kentucky University, nos EUA, e é especialista em Wallace, teoria da evolução e história da ciência. Graduado em geologia pela Wesleyan University, mestre em geografia pela Universidade de Indiana, e doutor em geografia pela Universidade de Illinois, escreveu *Natural Selection and Beyond: The Intellectual Legacy of Alfred Russel Wallace* (Oxford: Oxford University Press, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como você vê a situação da pesquisa sobre Wallace¹ nos

1 Alfred Russel Wallace (1823-1913): naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo galês. Desenvolveu trabalhos no campo da Teoria da Evolução e enviou o respectivo manuscrito a Charles Darwin, com quem mantinha correspondência, ao invés de enviar diretamente para um editor. Darwin, percebendo-se que o trabalho de Wallace tinha similaridades com a teoria que tinha estado a desenvolver nos últimos vinte anos, decidiu terminá-la e publicá-la rapidamente. Wallace foi o primeiro a propor uma “geografia” das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da ecologia e da biogeografia e, por vezes, chamado de “Pai da Biogeografia”. Confira na edição 306 da Revista IHU On-Line, 31-08-2009, as entrevistas com Gervásio da Silva Carvalho, *O pensamento biogeográfico em tempos darwinianos*, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1776 e Charles Smith, *As conexões entre Wallace e Darwin*, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895. Nas Notícias do Dia do site do IHU, em 15-12-2008, leia a entrevista especial concedida por Lillian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins, *A ciência*

Estados Unidos e fora de seu país?

Charles Smith - A situação da pesquisa está melhorando continuamente. Há mais pessoas interessadas. No final de sua vida, Wallace estava bem famoso. Talvez ele tenha sido o cientista mais famoso do mundo. Então ele morreu alguns meses antes da I Guerra Mundial e tudo, de certa forma, se acabou. Foi um longo tempo até que as pessoas se interessassem novamente. Mas, nos últimos 15 anos, o interesse aumentou, e há mais pessoas envolvidas, houve mais livros escritos sobre Wallace do que sobre qualquer outro naturalista daquele período, com exceção dos habituais, como Darwin² e

antes e depois de Darwin, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18895. (Nota da IHU On-Line)

2 Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais ideias em uma

Humboldt,³ o geógrafo alemão. Hum-

visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à IHU On-Line 166, de 28-11-2005, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158348273.52pdf.pdf>. Confira as edições 306, da Revista IHU On-Line, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1251806247.8763pdf.pdf> e 300, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1247518361.1137pdf.pdf>. De 9 a 12-09-2009 o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Heinrich Alexander, Barão de Humboldt (1769-1859): naturalista e explorador alemão. Atuou, também, como etnógrafo, antropólogo, físico, geógrafo, geólogo, mineralogista, botânico, vulcanólogo e humanista,

boldt é bem conhecido na Alemanha e na Europa, bem como Darwin. Sempre se escreve muito sobre esses dois, mas há mais livros sobre Wallace do que quaisquer outros, incluindo Mendel,⁴ Huxley⁵ e as outras pessoas desse período.

Wallace no Brasil

Podemos falar o mesmo a respeito da situação do estudo de Wallace no Brasil. Há diversas pessoas aqui que estudam Wallace tanto regularmente quanto ocasionalmente. Há algumas pessoas no México que são bem interessadas, mesmo que ele nunca tenha ido a esse país. Ele esteve no Brasil por quatro anos, na Amazônia, o tempo inteiro, diferentemente de Darwin, que ficou no litoral Sul e Leste. Wallace nunca foi para essa parte. Então eu acredito que os seus caminhos nunca se cruzaram geograficamente. Ele ficou na Amazônia Central e na área do Rio Negro. Sempre tem havido algum interesse, no Brasil, sobre Wallace. Artigos e livros foram publicados vez ou outra ao longo dos anos. Mas, nos últimos anos, houve interesse bem maior.

IHU On-Line - Você acha que, hoje em dia, a importância desse autor é

tendo lançado as bases de ciências como a Geografia, Geologia, Climatologia e Oceanografia. (Nota da IHU On-Line)

4 Gregor Johann Mendel (1822-1884): monge agostiniano, botânico e meteorologista austríaco. Desde a infância costumava observar e estudar as plantas. Aos 21 anos ingressa num mosteiro da Ordem de Santo Agostinho na atual República Checa, em Brno. Aí Mendel tinha a seu cargo a supervisão dos jardins do mosteiro. Dedicou-se ao estudo do cruzamento de muitas espécies, como feijões, chicória, bocas-de-dragão, plantas frutíferas, abelhas, camundongos e, principalmente, ervilhas cultivadas na horta do mosteiro onde vivia analisando os resultados matematicamente, durante cerca de sete anos. Gregor Mendel, “o pai da genética”, como é conhecido, foi inspirado tanto pelos professores como pelos colegas do mosteiro que o pressionaram a estudar a variação do aspecto das plantas. Propôs que a existência de características (tais como a cor) das flores é devido à existência de um par de unidades elementares de hereditariedade, agora conhecidas como genes. (Nota da IHU On-Line)

5 Thomas Henry Huxley (1825-1895): biólogo inglês que ficou conhecido como “O Buldogue de Darwin” por ser o principal defensor público da teoria da Evolução de Charles Darwin e um dos principais cientistas ingleses do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

“Wallace é uma pessoa bastante diferente de Darwin. Seus trabalhos indicam que ele tinha algumas posições filosóficas diferentes, assim como humanitárias, de crítica social”

reconhecida?

Charles Smith - Bem, eu diria que, para a população em geral, ainda nem tanto. Mas, por outro lado, ninguém mais é reconhecido, a não ser os maiores nomes da ciência. Os cientistas simplesmente não são conhecidos pelas pessoas comuns, até mesmo por quem é mais instruído. Essas foram pessoas muito importantes para a comunidade científica, para a história da ciência, e deram continuidade à influência de Darwin, especialmente, que é muito significativa na sociedade de hoje, de muitas maneiras.

Wallace é uma pessoa bastante diferente de Darwin. Seus trabalhos indicam que ele tinha algumas posições filosóficas diferentes, assim como humanitárias, de crítica social. Darwin fez muito pouco em prol do pensamento humanitário ou, digamos, para as ciências sociais. Ele era um cientista por inteiro. E isso foi basicamente o que fez. Ele tentou não especular, onde ele pensava que a especulação não estava garantida. Tentou produzir ideias embasadas em evidência factual. Algumas pessoas talvez o chamem de *plotter*, querendo dizer que ele ia “plotando” de uma forma muito conservadora e lenta. Se não fosse Wallace ter escrito para ele naquela ocasião, com o seu próprio ensaio sobre a ideia da seleção natural, talvez Darwin teria esperando muitos anos

mais antes de dizer qualquer coisa sobre esse assunto. Na verdade, talvez ele teria até morrido antes de publicar.

Wallace não era, nem um pouco, uma pessoa conservadora. Ele tinha ideias e, dentro de poucos dias, escreveria algo e mandaria para pessoas, como fez com Darwin, por exemplo. Alguns anos atrás, descobri um pequeno artigo que Wallace escreveu aos 20 anos de idade, sobre uma ótica com telescópio, um assunto que ninguém teria sonhado que ele tivesse escrito. Mas foi uma ideia que ele teve e mandou para um famoso fotógrafo pioneiro, um dos inventores da fotografia. Aparentemente, ele nunca recebeu uma resposta desse homem. Mas a carta com o artigo foi guardada e, eventualmente, veio à tona e eu consegui encontrá-la. Então, já aos 20 anos, ele escrevia coisas e mandava para pessoas famosas. E não tinha quaisquer reservas em fazer isso.

IHU On-Line - Poderia explicar, com mais detalhes, a ideia que desenvolveu em outra entrevista à nossa publicação, sobre o porquê de Wallace pensar que a consciência não era um produto específico da evolução biológica do cérebro?

Charles Smith - Isso é algo difícil de explicar, porque eu não acho que Wallace tinha uma teoria completa. A sua ideia era de que o consciente, ou a corrente de consciência, seja o que for, era algo um tanto separado da biologia. Então, assim que uma estrutura biológica tivesse evoluído - as ideias darwinistas, mesmas ideias de Darwin -, uma vez que um ser, um ser humano, tivesse um cérebro complexo evoluído o suficiente, que a consciência seria naturalmente atraída ou naturalmente direcionada para essa consciência. Portanto, ele basicamente tinha uma visão de que isso não era um acidente, de que a evolução inclui tanto um processo para evolução material quanto a entrada da consciência numa estrutura biológica.

Wallace e o espiritismo

Naquela época, não havia os estudos que hoje conhecemos como

psicologia. A psicologia como disciplina, como um ramo do saber, não se desenvolveu realmente até o final do séc. XIX, com pessoas como Wilhelm Wundt⁶ e Freud.⁷ E Wallace se prendeu à ideia de que o movimento espírita existente pudesse ser um meio de compreender a consciência e como começou a fazer parte da evolução humana. Então ele se tornou espírita. Apenas alguns anos depois do seu artigo sobre a seleção natural, ele começou a investigar sessões espíritas. Também leu tudo o que havia sido escrito por pessoas espíritas.

Wallace, particularmente, não estava interessado no espiritismo como uma religião. Seu interesse parece ter sido principalmente científico. Também ético-moral, mas, para ele, essas duas coisas eram uma só. Ele acreditava que a evolução incluía, no nível humano, uma evolução na direção de uma sociedade mais ética e moral. Então todas essas coisas, para ele, eram a mesma coisa. Já Darwin, por exemplo, acreditava em Deus, aparentemente... Ele manteve a sua religião de certa forma separada da sua ciência, ou totalmente separada.

6 Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920): médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da moderna psicologia experimental junto com Ernst Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1889). (Nota da IHU On-Line)

7 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345628.45pdf.pdf>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1165256946.3pdf.pdf>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009791.53pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

“Wallace é reconhecido como o pai da ciência de zoogeografia e talvez biogeografia em geral, que inclui plantas”

Darwin era ou relutante ou incapaz de reconciliar as duas coisas.

Wallace, por outro lado, apesar de ser um pouco “antirreligião-organizada”, não pertencia a igrejas. Ele acreditava que o espiritismo era uma forma de obter conhecimento da melhoria na sociedade e nos humanos, uma forma dos humanos progredirem. Uma das formas como o espiritismo influenciou a evolução nas pessoas, é que supostamente os espíritos eram capazes de se comunicar (espíritos de pessoas mortas) diretamente conosco. E fazem isso ou de forma muito sutil, de maneiras que não percebemos, de minuto a minuto, ou especialmente através de coisas como sonhos. A ideia é de que, fazendo isso, nos dão tipos de informações que ajudam a tomarmos decisões. Agora, talvez, não tomemos sempre as decisões certas ou talvez não demos atenção ou não estamos cientes. Mas a ideia era de que, em geral, esse tipo de comunicação ajudaria as pessoas a melhorar ética e moralmente. Tudo isso que ele acreditava, fazia parte da natureza. Havia uma parte da natureza que era material, o corpo e assim por diante. E havia uma parte da natureza que era não-material. Eu o chamo de a-espacial, significando não-espacial. Porque tudo que matéria é espacial, está no espaço.

IHU On-Line - No seu ponto de vista, qual é o maior legado, contribuição, de Wallace para a biologia moderna ou para a ciência moderna?

Charles Smith - Eu presumo que, mesmo que eu não goste de dizer isso: a sua carta para Darwin. Aquela carta foi tão importante para fazer a teoria da seleção natural se tornar pública! Quem sabe o que teria acontecido se

ele não tivesse escrito para Darwin, e simplesmente mandasse para publicação o seu trabalho? O que, como eu disse, era o tipo de coisa que ele faria. Ele costumava escrever o que achava ser uma boa ideia, mesmo sem receber resposta das pessoas. Pois, na maior parte do tempo, ele estava no campo, estava pesquisando, coletando. Então, se ele tivesse simplesmente enviado para publicação, poderíamos muito bem estar falando de *wallacismo*. Darwin seria considerado o pobre coitado que estudou por vinte anos, não publicou e acabou posto de escanteio. Eles foram capazes de obter as informações mais rapidamente, de modo que as pessoas puderam começar a pensar sobre isso. Agora, além disso, eu apontaria seus estudos em biogeografia, especialmente zoogeografia, que é geografia animal. Wallace é reconhecido como o pai da ciência de zoogeografia e talvez biogeografia em geral, que inclui plantas. Antes de Wallace, já houve gente de peso fazendo um trabalho importante em geografia botânica. Mas o que Wallace fez, e isso foi importante para os geógrafos de plantas, também foi interpretar a distribuição geográfica dos animais e plantas através de um modelo, um modelo evolutivo. Ele introduziu tantos elementos ecológicos desse estudo quanto o fato de que havia uma profunda história do assunto, envolvendo espécies, especiação, divergência nas espécies ao longo do tempo.

Biogeografia moderna

Wallace foi capaz de compreender que o registro dessas divergências está nos fósseis. Ele foi capaz de compreender que as formas mais relacionadas entre si pareciam ser próximas uma da outra, na questão do espaço, no registro dos fósseis, nas rochas, bem como acima ou abaixo da coluna geológica. Quando você tem esse tipo de informação, é uma evidência muito forte da progressão evolutiva, de algum tipo. Pois, nas rochas mais abaixo, você tem as formas mais antigas, mais primitivas. E, quanto mais acima, há ambos os tipos fósseis, perto um do outro, di-

ferente de aqui embaixo, e também mais recentemente no tempo. Uma vez no topo, você está na superfície, e você está no período presente. Então ele escreveu um artigo sobre este tópico três anos antes de ter enviado a famosa carta para Darwin. E isso, para alguns, o começo da ciência da biogeografia moderna. Ele não falou de evolução. Ele já estava pensando na evolução, mas não tinha nenhum mecanismo. Ele não tinha a ideia da seleção natural. Então tudo que ele poderia dizer é... ele nem disse que isso se parecia com evolução, ele apenas escreveu de uma forma que era óbvio o bastante que ele pensava que a evolução estava acontecendo. Mas ele evitou usar efetivamente a palavra, eles não usavam essa palavra na época, o conceito. Eles usavam palavras diferentes. Na verdade, eles não usavam a palavra evolução naquela época. Apareceu um pouco mais tarde. De qualquer forma, essas eram as duas coisas mais importantes, mas ele fez um monte de outras coisas interessantes. No campo da biologia, fez muita coisa com mimetismo, que é o fenômeno através do qual uma coisa se assemelha a outra, ou melhor, uma espécie se assemelha a outra, para obter proteção, porque essa espécie é venenosa, então o negócio é deixá-la em paz. Assim, com o tempo, as coisas que se pareciam com aquilo obtiveram proteção por não serem atacadas e tendem, ao longo de muitas gerações, acabar se assemelhando com a coisa que é venenosa. Ele trabalhou nisso. Também fez trabalhos com algumas áreas estranhas como astrobiologia, o estudo da vida no espaço.

Um geógrafo interessado em evolução

No final de sua vida, havia um homem nos Estados Unidos que alegou ter descoberto estruturas em Marte que se assemelhavam a canais. Ele era um astrônomo e interpretou como sendo canais de verdade e que havia marcianos vivendo lá. Isso foi no início do séc. XX, nem tanto tempo atrás. Wallace tentou desacreditar

a ideia, baseando-se, sobretudo, em princípios de geografia física. Eu sempre me refiro a ele como sendo um geógrafo que passou a se interessar por evolução, esse é Wallace. Darwin era formado, principalmente, em geologia. Tinha muito conhecimento histórico. Wallace era mais interessado ou tinha mais conhecimento sobre processos atuais. Ele sabia alguma coisa de geologia, mas não era uma pessoa com formação em geologia. De qualquer forma, com a questão de Marte, ele tentou demonstrar que não

“Wallace, por outro lado, apesar de ser um pouco ‘antirreligião-organizada’, não pertencia a igrejas. Ele acreditava que o espiritismo era uma forma de obter conhecimento da melhoria na sociedade e nos humanos, uma forma dos humanos progredirem”

tinha uma atmosfera que fosse grande suficiente para ser quente o suficiente para os seres, e deduziu que um dos pólos, que sabiam ser branco, pois, tinham telescópio, não poderia ser água, tinha que ser gás carbônico, e na verdade é. Então ele usou princípios básicos de ciência, geografia física, geologia e física para dizer que a ideia desse astrônomo era loucura. E era mesmo.

IHU On-Line - Que desafios você vê hoje para as questões ambien-

tais nos países em desenvolvimento como o Brasil, por exemplo?

Charles Smith - Parece-me, em geral, que lugares como Brasil, talvez especialmente nesse país, e talvez em alguns países africanos também, que algum tipo de modelo de ordenamento do território deve ser aceito, permitindo controlar o desenvolvimento para que não dizimem o meio ambiente. Ao mesmo tempo, penso que deve ser permitido o uso da floresta em diferentes formas, com ênfase no desenvolvimento médico e no ecoturismo. Claramente, um modelo puro de capitalista (estou parecendo o Wallace agora, ele era um socialista) - um modelo capitalista puro não parece funcionar muito bem, pois, as pessoas vão e tomam tudo o que conseguem. Claro que a floresta vai crescer de novo, mas nunca vai voltar a ser como era antes. E teremos perdido muitas espécies. Tenho uma visão um pouco diferente em relação à importância dos trópicos, diferente da maioria, pois isso é um tipo de pensamento de renegado: na minha impressão, na verdade foram as áreas latitudinais médias que provavelmente mais contribuíram para a evolução a longo prazo. As áreas tropicais seriam mais como que receptáculo do resultado da evolução. Mas a questão é que agora as pessoas estão mais concentradas em resolver os problemas das áreas tropicais, e não estão pensando tanto sobre as áreas de latitude média. Todas as partes da Terra são importantes. E, basicamente, essa é a ideia. Só porque algo possui muitas espécies, como a floresta tropical, não significa necessariamente de que seja mais importante evolutivamente do que outro lugar que tenha menos espécies. Nesta questão, acredito que muita gente me veria um pouco como marginal (*fringe*), provavelmente. Mas, não obstante, eu acho que esse seja o caso. E em termos de proteger a floresta tropical, algum tipo de modelo de ordenamento da utilização do território regulado pelo governo parece uma afirmação muito vaga, mas é o que eu posso dizer.

IHU On-Line - No início da nossa con-

versa, você estava me falando sobre as suas origens. Então, onde você nasceu? Você poderia nos dar alguma informação?

Charles Smith - Eu nasci no estado de Connecticut, nos Estados Unidos, mais ou menos a meio caminho entre a cidade de Nova Iorque e Boston, em uma cidade muito pequena. Frequentei uma escola pública e fui para a faculdade. Seria justo dizer: uma das melhores pequenas faculdades dos Estados Unidos. Formei-me em geologia. Enquanto eu era um *major* em geologia fiz a minha única outra viagem para a América Latina até agora. Passei um semestre em Honduras. E lá eu me dei conta de que eu não tinha o feito para ser um geólogo. Eu não tinha um bom senso de campo. Um geólogo precisa ser capaz de ver a história no solo, das formações rochosas, e eu não era muito bom nisso. Então eu decidi não continuar mais com a geologia. Eventualmente, decidi que a geografia seria mais adequada. Fiz meu mestrado e doutorado em geografia. Como eu tinha uma combinação incomum de interesses, não consegui encontrar trabalho como geógrafo acadêmico. Depois de alguns anos ruins, fiz um curso em biblioteconomia. E descobri que eu seria um bibliotecônomo de ciências. Isso levou um ano, não seria algo que tomaria o resto da minha vida. Concluí em um ano e logo depois de ter terminado, arrumei um emprego onde estou empregado agora, há quinze anos. Sou professor lá em tempo integral, bibliotecários são considerados acadêmicos na *Western Kentucky University*.

LEIA MAIS...

>> Charles Smith já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)
• *As conexões entre Wallace e Darwin*. Entrevista publicada na edição 306 da Revista IHU On-Line, de 31-08-2009, disponível no endereço http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=etalhe&id=1778

Hinduísmo. A relação entre o indivíduo e a Verdade fundamental do cosmos

Para a pesquisadora Cybelle Shattuck, o hinduísmo é compatível com a ciência moderna e, no futuro, poderá se destacar como religião

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

Viver uma vida moral e libertar-se do ciclo de reencarnação são dois valores religiosos centrais dos hindus, disse Cybelle Shattuck, professora assistente de Religiões Orientais na Western Michigan University, na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Baseado em crenças individuais e particulares, mas regido por uma ética “quase que universal”, o hinduísmo consegue se manter na sociedade contemporânea e, na opinião da pesquisadora Cybelle Shattuck, tem potencial de crescimento por “ser uma religião compatível com a ciência moderna”. Ela explica: “As histórias da criação nas escrituras descrevem uma Energia potencial inicial que expande subitamente e coalesce em todas as formas existentes no universo. Isto é similar à física quântica”. Além do mais, garante, “a ideia de uma essência singular subjacente no universo que faz com que tudo que exista esteja inter-relacionado também reflete a física moderna. Portanto, o hinduísmo pode ganhar atenção como uma religião para os tempos modernos”.

Cybelle diz ainda que a Índia está mudando rapidamente e, com isso, os ensinamentos religiosos são adaptados para um novo modelo de sociedade. “Os hindus da classe média urbana preferem pensar Deus como o Brahman impessoal e fazem menos rituais que os camponeses (...), tradições culturais como o dote, que já foi considerado parte da religião, foram afastadas por não se adequarem ao mundo moderno”.

Cybelle Shattuck é autora de *Hinduísmo* (Lisboa: Edições 70, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a senhora descreve a história do hinduísmo, da sua origem no Vale do Indo até a forma como esta religião se mantém no mundo moderno, conservando suas tradições?

Cybelle Shattuck – O hinduísmo moderno é um acúmulo de crenças e práticas desenvolvidas por milhares de anos. Algumas das práticas, como o sacrifício de fogo e a cremação dos mortos, podem ser encontradas desde a Era Védica¹ a mais de 3000

anos. Do Período Hindu, quando civilizações sofisticadas se desenvol-

ao povo que compôs os textos religiosos conhecidos como Vedas, no subcontinente indiano. O território então ocupado por aquela civilização corresponde ao atual Panjabe, na Índia e Paquistão, à Província da Fronteira Noroeste (Paquistão) e à maior parte da Índia setentrional. Segundo a maioria dos estudiosos, a civilização védica desenvolveu-se nos II e I milênios a.C., embora a tradição hindu proponha uma data mais remota, no VI milênio a.C. O sânscrito védico e a religião védica persistiram até o século VI a.C., quando a cultura começou a transformar-se nas formas clássicas do hinduísmo. Este período da história da Índia é conhecido como a Era Védica. (Nota da IHU On-Line)

¹ A civilização védica é a cultura associada

veram no sul da Ásia, existem evidências de rituais que conectam os seres humanos às divindades associadas ao mundo natural.

No século VI, escrituras chamadas Upanixades tornaram-se dominantes e mudaram a cosmovisão religiosa. Os Upanixades descrevem o universo como uma manifestação de um âmaggo unificado, sendo o objetivo da vida humana tornar-se consciente deste âmaggo fundamental. As tradições mais antigas foram reinterpretadas para se adaptarem a esta visão — todas as atitudes rituais poderiam ajudar a orientar as pessoas em direção a uma vida harmoniosa com a ordem cósmica. E as divindades antigas poderiam ser interpretadas como expressões desta ordem divina cósmica.

Desde então, várias seitas desenvolveram diferentes formas para descrever a relação entre um indivíduo e a Verdade fundamental do cosmos. Algumas descreveram a Verdade em termos impessoais como um Poder Absoluto, enquanto que outras a enfatizaram como uma divindade pessoal com quem as pessoas possam se relacionar. Apesar destas diferentes crenças, os padrões básicos da prática hindu permanecem inalterados. As pessoas deveriam ter uma vida moral e realizar rituais que as recordem da presença da divindade tanto no mundo quanto no ego/espírito humano (chamado de Atman).

IHU On-Line — Que aspectos históricos e culturais específicos a senhora percebe para a construção dos valores centrais do hinduísmo ao longo dos anos?

Cybelle Shattuck — Os valores centrais são baseados em dois objetivos religiosos: o primeiro é viver uma vida moral e o segundo é a libertação do ciclo de reencarnação. A definição da vida moral baseia-se na ideia de que o universo possui certa ordem, e o nosso mundo e a sociedade humana também possuem uma ordem determinada. No hinduísmo clássico, esta ordem é chamada de Dharma. O Dharma do indivíduo (dever dentro da ordem universal) é determinado pela classe social em que nasce e pelo estágio da vida. Esta visão do Dharma é idealizada e, pro-

vavelmente, nunca refletiu a realidade da vida na Índia, mas configura um modelo teórico para a determinação do Dharma que cada pessoa deve ter. Desta forma, uma pessoa nascida em uma família de sacerdotes que dirige determinado templo tem o dever de aprender os rituais daquele templo. Uma pessoa nascida na aristocracia tem o dever de aprender as artes de governar, inclusive o conhecimento militar para proteger a sociedade. Uma pessoa nascida na classe camponesa trabalha no campo e cria animais. Basicamente, este é o mesmo sistema da Europa medieval.

“Os hindus têm sido relutantes em compartilhar sua tradição com os estrangeiros. Uma razão para isto é que muitos hindus não têm certeza de como explicar suas crenças e práticas”

O sistema sempre foi mais flexível do que a concepção sugere — houve reis da classe camponesa e guerreiros da classe sacerdotal. Mas isso estabelece uma ordem imaginária que se estende do universo à pessoa individual. Isto significa que um cerne de valores do hinduísmo é fazer a coisa certa.

Uma vez que todos os seres são interdependentes e possuem uma função a cumprir para o benefício do sistema inteiro, todos têm um dever e serão julgados conforme suas ações. A palavra para “ação” é Karma.

Libertação do ciclo de reencarnação

Outro tema central do hinduísmo é a ideia de Moksha “libertação do ciclo de reencarnação”. Os hindus acreditam que os espíritos ou egos

(Atmans) dentro de cada ser vivente são imortais, então, quando o corpo morre, são renascidos em novos corpos. Isto continua enquanto o Atman concentra-se na experiência do mundo físico. Em outras palavras, enquanto a atenção de alguém estiver centrada na busca por prazeres e em evitar a dor, continua nascendo onde é possível experimentar prazer e dor. Mas, há uma alternativa para a reencarnação chamada Moksha. Uma pessoa sem interesse no mundo físico pode alcançar este estado de Libertação. Aqueles que assim o fazem são considerados santos por estarem livres de todos os desejos pessoais e, portanto, não agem de forma egoísta ou negativa em relação aos outros seres. Isso significa que os hindus valorizam atitudes que não são interesseiras, realizadas para o benefício de outros e não para o bem próprio.

IHU On-Line — A senhora desenvolveu uma pesquisa em aproximadamente 40 casas hindus. Por que a família hindu é tida como um mecanismo que faz dos indianos endogâmicos?

Cybelle Shattuck — Pesquisas mostram que os que migram para outros países mantêm suas religiões a fim de preservar seu senso de identidade — especialmente quando são uma pequena minoria. O hinduísmo possui fortes tradições de endogamia devido ao seu sistema de castas — somente as pessoas da mesma casta deveriam casar entre si. Isso também afeta a interação alimentar. Pessoas de uma casta não podem comer com pessoas de outras castas. Este mesmo conceito aparece no judaísmo (regras kosher) e até mesmo alguns cristãos permitem apenas membros da comunidade fazer parte da comunhão (eucaristia). Normas alimentares são normas identitárias — elas definem quem pertence a qual grupo. Na Índia, normas alimentares tornaram-se muito importantes como formas de demarcação do limite das castas.

Atualmente, esta separação pelo casamento e pela comida é vista negativamente porque não combina com democracia. Mas, no passado, permitia com que muitos grupos diferentes vivessem em harmonia no mesmo lugar.

Judeus na Índia não eram perseguidos quando se negavam a comer com não-judeus, pelo fato de isto ser um comportamento comum entre os grupos religiosos indianos. Hindus não comem carne, mas os muçulmanos sim. Muçulmanos não comem porco, mas alguns hindus sim. Pelo estabelecimento de limites relacionados à alimentação no sistema de castas, hindus e muçulmanos podiam manter tradições alimentares separadas e não ter um conflito social (pelo menos no que se refere à alimentação – houve outros problemas de tempos em tempos).

Às vezes, comunidades imigrantes mantêm suas tradições com mais veemência do que as pessoas em seu país de origem. Padrões de alimentação e endogamia estão mudando na Índia na medida em que o país fica mais urbano e democrático. Mas, para os hindus fora da Índia, que vivem em países onde são pequena minoria, manter-se nas formas antigas vem a ser muito importante. Ocasionalmente, os imigrantes tornam-se mais religiosos do que quando estavam na Índia, por necessitarem do senso de identidade.

IHU On-Line – Que concepção de Deus é manifestada no hinduísmo? Neste sentido, qual é o papel dos deuses para o hindu?

Cybelle Shattuck – Os hindus têm várias concepções de Deus e tendem a mudar de uma para a outra. A maioria dos hindus possui uma “divindade escolhida”, um deva² particular com quem eles sentem uma conexão especial. Pode ser Vishnu, Krishna, Ganesha, Shiva, Murugan, Deusa Lakshmi, ou qualquer outro de um vasto panteão. Cada uma destas divindades possui mitos descrevendo seus aspectos. A maioria das pessoas está familiarizada com a arte indiana e as imagens das divindades com múltiplos braços. Estas imagens não devem ser interpretadas literalmente. Não é que um Deus tenha quatro braços exatamente, mas, ao invés disso, cada braço segura um objeto que simboliza uma qualidade da divindade. Assim,

² Um deva, no budismo, é um dos diferentes tipos de seres não-humanos. São mais poderosos, vivem mais e, no geral, têm uma existência mais satisfeita que a média dos seres humanos. (Nota da IHU On-Line)

por exemplo, Vishnu segura um cetro para simbolizar seu papel de rei que cuida do seu cosmos e mantém ordem dentro dele.

Porém, juntamente com a miríade de devas, os hindus possuem a concepção de que realmente exista apenas um Poder divino chamado Brahman. Os devas são simplesmente manifestações de vários aspectos do Brahman. Os devas são úteis para a religião do dia-a-dia, quando as pessoas querem rezar por boa sorte ou saúde, mas isso é religião para quem se encontra dentro do ciclo de reencarnação. A verdade absoluta é saber que todos os devas são realmente apenas Brahman. Esta perspectiva está associada à Moksha.

**“Os hindus na Índia
estão atualmente
discutindo sobre como
definir sua tradição.
Portanto, existem
verdadeiros desafios
para os hindus que
desejam fazer parte
deste diálogo”**

Os hindus, dependendo do contexto, utilizam ambas as formas para descrever Deus. Dentro de uma discussão filosófica, Deus é Brahman. Mas quando um membro da família estiver doente, ou um estudante está se preparando para uma prova, então é importante poder rezar para uma divindade como Dhanvantari (por saúde) ou Sarasvati (por conhecimento).

IHU On-Line – O que o desenvolvimento do simbolismo e da iconografia representa para a espiritualidade hindu?

Cybelle Shattuck – O hinduísmo faz uso da iconografia como um tipo de “teologia visual”. As imagens transmi-

tem ideias sobre Deus e a estrutura do universo. São lembretes do conhecimento que os hindus adquirem ao ouvir os sábios interpretar as escrituras e as histórias dos deuses. No passado, poucas pessoas sabiam ler, e cópias das escrituras eram raras, por isso, tradições orais e as obras artísticas eram as mídias usadas para ter conhecimento religioso.

As imagens interpretam as características do Divino para aqueles que sabem como lê-las. A imagem de Shiva como Senhor da Dança é bem conhecida. Nesta imagem, o deus dançante possui um tambor na sua mão direita e uma chama na sua mão esquerda. O tambor representa o som de Om, a essência fundamental do universo, que é o poder da criação. A chama simboliza destruição de quando o universo chega a seu fim, mas também representa purificação, a eliminação do karma através do fogo, conseqüentemente levando a um novo começo. Uma terceira mão aponta para o pé de Shiva lembrando que Deus pode salvar seus devotos do ciclo de reencarnação, eliminando a ignorância. Portanto, simboliza a graça.

A utilização de imagens também está relacionada à ideia de Darshan, “visão”. Uma forma de interação entre um devoto hindu e Deus é através da visão.

As pessoas vão ao templo de Darshan para ver Deus e serem vistas por Deus. A maioria dos ídolos hindus possui olhos grandes, e o ritual de pedir à divindade para se tornar presente através de uma imagem não é completo até que os olhos sejam “abertos”.

Alguns hindus rejeitam a utilização de ídolos porque acham que as imagens induzem as pessoas a pensarem que Deus possui forma e pode ser limitado. Insistem que Deus não possui forma, é eterno e infinito. Preferem pensar em Deus como o Brahman não-personificado. Mas aqueles que adoram as imagens dizem que Deus é infinito e ilimitado, por isso, Deus pode estar em qualquer lugar do universo, até mesmo no ídolo. Eles enfatizam o conteúdo emocional da religião e dizem que o ídolo é uma forma de lembrar às pessoas de que Deus ama o mundo e

está presente nele.

IHU On-Line – O hinduísmo é conhecido como uma das tradições religiosas mais antigas do nosso planeta. Qual a razão para tal permanência no mundo contemporâneo, considerando que o hinduísmo é a terceira maior religião do mundo?

Cybel Shattuck – O hinduísmo é uma religião flexível. Possui numerosas escrituras e escolas filosóficas, muitas formas de descrever Deus e muitos gurus que adaptam os ensinamentos para atender às necessidades de cada época. Mas, juntamente com essa diversidade de crenças, há um conjunto central de valores morais, tais como não prejudicar os outros. Isso torna possível que pessoas de diferentes seitas convivam no mesmo lugar. Talvez uma forma de pensar isso seja de que as crenças hindus sejam particulares e individuais, mas a ética seja quase que universal. Isto permite haver diversidade e, ainda assim, manter uma sociedade harmoniosa.

Então, essa diversidade permite atualizar as tradições quando os tempos mudam. Pelo fato de haver várias histórias da criação diferentes, os temas gerais do processo da criação importam mais do que os detalhes exatos de cada texto antigo. Isto significa que as escrituras não estão em disparidade com a ciência moderna. Igualmente, são tantas as escrituras que é possível selecionar ideias que se enquadram no mundo moderno e deixar de lado a parte que não parece mais ser útil. A tradição dos gurus é muito importante. Os gurus são autoridades que ajudam os outros a interpretar as ideias antigas de forma a torná-las apropriadas para os novos tempos.

IHU On-Line – Como a religião hindu se adaptou aos desafios do mundo moderno? Que aspectos demonstram essa “mudança”?

Cybel Shattuck – Há muitas mudanças. A tecnologia permitiu que os hindus viajassem em peregrinação aos templos principais, lessem as escrituras pessoalmente, aprendessem os mitos através de filmes ao invés de aldeões contadores de histórias.

Ao mesmo tempo, o mundo moder-

“O hinduísmo possui fortes tradições de endogamia devido ao seu sistema de castas”

no criou novos desafios visto que muitos hindus agora vivem fora da Índia, e a Índia em si está mudando rapidamente. A urbanização e o crescimento da classe média moderna demonstram que os gurus estão adaptando os ensinamentos para um novo tipo de sociedade. Os hindus da classe média urbana preferem pensar Deus como o Brahman impessoal e fazem menos rituais que os camponeses. Isso também é verdade em relação aos hindus que vivem na Europa e nos Estados Unidos. O velho sistema de castas está sendo substituído por uma sociedade democrática, e, em alguns lugares, as mulheres estão se tornando sacerdotisas. Tradições culturais como o dote, que já foi considerado parte da religião, foram afastadas por não se adequarem ao mundo moderno.

IHU On-Line – Quais são os impactos do hinduísmo na sociedade contemporânea ocidental? Quais as preocupações da religião hindu diante do indivíduo moderno?

Cybel Shattuck – O hinduísmo ainda não teve grande impacto na sociedade ocidental. Contribuiu com as práticas do yoga, no interesse pela medicina ayurveda³ e meditação.

Mas a quantidade de ocidentais que visitam templos ou ashrams hindus é muito pequena. Isso pode mudar progressivamente. A quantidade de indianos vivendo no ocidente aumentou, por isso, a tradição é mais visível. Mas pode ser possível que o interesse pelo hinduísmo cresça pelo fato de ser

³ Ayurveda é o nome dado à “ciência” médica desenvolvida na Índia há cerca de 7 mil anos, o que faz dela um dos mais antigos sistemas medicinais da humanidade. Ayurveda significa, em sânscrito, Ciência (veda) da vida (ayur). Continua a ser a medicina oficial na Índia e tem-se difundido por todo o mundo como uma técnica eficaz de medicina tradicional. A medicina ayurvédica é conhecida como a mãe da medicina, pois seus princípios e estudos foram a base para, posteriormente, o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa, árabe, romana e grega. (Nota da IHU On-Line)

uma religião compatível com a ciência moderna. As histórias da criação nas escrituras descrevem uma Energia potencial inicial que expande subitamente e coalesce em todas as formas existentes no universo. Isto é similar à física quântica.

Ademais, a ideia de uma essência singular subjacente no universo que faz com que tudo que exista esteja inter-relacionado também reflete a física moderna. Portanto, o hinduísmo pode ganhar atenção como uma religião para os tempos modernos.

IHU On-Line – As realidades do sofrimento, injustiça e situações de vulnerabilidade humana sempre foram questões importantes encaradas pelas religiões. Em que lugar encontra-se esta problemática na religião hindu?

Cybel Shattuck – O hinduísmo trata o sofrimento de duas maneiras: uma filosófica e outra moral. Na filosofia hindu, sofrimento é causado por ignorância e karma.

Pelo fato das pessoas não terem consciência de que são realmente uma alma divina, buscam prazer e vivem de forma egoísta. Isso pode levá-las a prejudicar uns aos outros. Mas, a teoria do karma (ação) diz que todo mal que se faz ao outro também afetará ao que o fez. Desta forma, se alguém está sofrendo, pode ser pelo fato de ter feito coisas ruins em uma vida passada. Então, o sofrimento tem um benefício porque o que sofre está se livrando do karma ruim. É como fazer a restituição por um crime.

A resposta moral para o sofrimento tem duas partes. Primeiro, para evitar o sofrimento, as pessoas deveriam viver moralmente para que não venham a ter karma ruim e sofrer no futuro. Segundo, e mais importante, ajudar aos que sofrem é uma oportunidade de ganhar um bom karma que se torna um benefício no presente e nas vidas futuras.

IHU On-Line – Considerando o pluralismo religioso, cultural e de valores em ação no contexto histórico atual, como o hinduísmo pode colaborar para uma boa relação social humana?

Cybele Shattuck – Os hindus têm sido relutantes em compartilhar sua tradição com os estrangeiros. Uma razão para isto é que muitos hindus não têm certeza de como explicar suas crenças e práticas. Não é necessário muito esforço para ser criado na Índia como hindu – é a tradição majoritária e permeia o país inteiro. Os dias santos são feriados. Portanto, ser hindu na Índia é ter uma identidade passiva.

Quando os hindus se mudam para outros países, se veem como minoria em um lugar onde alguma outra religião é a norma cultural. Logo, torna-se necessário praticar o hinduísmo ativamente. Mas, por não haver instrução consciente da religião enquanto na Índia, não fica fácil saber como definir a religião. Não há apenas uma escritura, um mestre, um momento da história que possa ser usado para explicar o que é o hinduísmo.

Para complicar ainda mais, os hindus na Índia estão atualmente discutindo sobre como definir sua tradição. Portanto, existem verdadeiros desafios para os hindus que desejam fazer parte deste diálogo. Todavia, no passado, um código de ética comum tem sido a propriedade coletiva que permite as diversas seitas hindus conviverem. Isso seria um bom tópico para o hinduísmo colaborar para que outras religiões construam suas relações sociais.

Os valores centrais da moralidade hindu são compatíveis com outras religiões. E, explicando alguns dos valores mais incomuns, como o vegetarianismo, seria uma boa maneira dos hindus considerarem o que talvez tenham de contribuição para com a sociedade em geral, da qual fazem parte. O ideal do vegetarianismo é baseado na crença de que quando os humanos dizem que não devem fazer mal aos outros, serve tanto para animais quanto seres humanos, pois, os animais também são manifestações de Brahman e possuem Atmans. Este é um valor que pode produzir respeito dos não-hindus que possuam práticas semelhantes por outras razões. Além disso, a antiga ideia hindu sobre julgar as pessoas pelos seus atos morais ao invés da sua crença poderia ser um aspecto útil para a diversidade social.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA
PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



A TV digital, a convergência tecnológica e a função do celular

O celular provocará a criação de novos horários nobres em faixas antes pouco vistas e lucrativas.

POR SÉRGIO MATTOS*

Nos últimos anos, o cenário das comunicações no Brasil tem sofrido uma mudança estrutural devido à convergência midiática e à produção de conteúdos multimídia, como resultado do desenvolvimento da Internet e da digitalização dos conteúdos de áudio, vídeo e texto. Por meio da Internet pode-se transportar, armazenar e redistribuir produtos audiovisuais, dados e voz. A convergência tecnológica permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdos com os prestadores de serviços. Antes, uma rede atuava como suporte para a prestação de um único serviço. Agora, constata-se a tendência de uma mesma rede oferecer mais de um serviço.

Com a convergência digital o telefone celular pode ser usado para transmissão e recepção da voz, acessar a Internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir programas televisivos, ouvir rádio, além de armazenar conteúdos e dados. Usando o celular, o usuário pode assumir o papel de receptor, transmissor e fon-

te de informações, rompendo assim alguns paradigmas da comunicação. O celular está se transformando numa central de mídia, ao lado do jornal, rádio, TV e Internet. Ao desempenhar funções de central de mídia, o celular passa a ter um importante papel na popularização da TV Digital devido à sua mobilidade, portabilidade, capacidade de transmissão de conteúdo em tempo real e interatividade. O celular dotado de receptor apropriado permite ao usuário receber o sinal de TV direto da emissora que desejar, sem ter que pagar por isso.

Em julho de 2009, o Brasil alcançou 161,92 milhões de assinantes, ou seja, o número de celulares no país é quase o dobro do total de televisores. O crescimento do número de usuários no Brasil indica que, em breve, o celular será, além de telefone, provedor de música e um dos principais receptores de programas televisivos. Para se ter uma ideia do celular como novo canal de mídia capaz de revolucionar a transmissão de conteúdos televisivos, basta considerarmos o que vem

* Professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB (Cruz das Almas - BA), e autor de livros como *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política*, *Mídia Controlada* e *O Contexto Midiático*.

acontecendo no setor musical.

O celular passou a ser uma nova forma de se vender música digital, possibilitando às gravadoras driblar os sites de *download* gratuito, apontando, assim, para uma perspectiva de que o celular poderá se transformar na maior fonte de receita das gravadoras de música e dos produtores de conteúdos audiovisuais. A Sony Music vendeu, só no ano de 2006, mais de 10 milhões de faixas musicais via celular. Destaca-se que já estão sendo disponibilizados para o celular, filmes, jogos, videocliques, áudio-livro, programas de TV previamente embarcados e a recepção livre do sinal da TV aberta.

Segundo estimativa da Rede Globo, dentro de cinco anos, haverá 50 milhões de usuários assistindo à TV aberta pelo celular. No Brasil, a produção de conteúdo para a telinha do celular ainda está engatinhando, mas já existem pessoas fazendo uso dessa tecnologia para assistir novela ou jogos de futebol. A Rede Globo estreou nas telinhas dos celulares em 2005, transmitindo simultaneamente para os assinantes das operadoras Vivo e Claro. O primeiro conteúdo da Rede Globo para as teles móveis foi a oferta dos gols do campeonato brasileiro.

Se a TV Digital já provoca mudanças estruturantes no setor das comunicações, o celular digital provocará mudanças mais radicais. Ao assumir a função de nova mídia digital capaz de receber, transmitir e armazenar conteúdos de todas as outras mídias, além de fotografar, filmar e enviar mensagens de texto, com o usuário assumindo uma postura ativa, participando como agente transformador e construtor da realidade, interagindo, sendo fonte, receptor e transmissor si-

“A perspectiva que se abre no setor é que o conteúdo a ser captado para o celular pode ser a programação da TV aberta, uma mistura de programação em grade ou de programas sob demanda, personalizados e permitindo um alto nível de interatividade. Mas, o que poderá realmente garantir o sucesso da TV no celular é a adaptação do conteúdo ao formato da mídia”

multaneamente, pode-se afirmar que o celular entra nesta reestruturação do mercado com um papel de extrema importância.

As projeções indicam que o ano de 2009 acabará com mais de 165 milhões de assinantes de celulares e que, em 2013, mais de 50 milhões de usuários estarão assistindo a programas de TV por meio do celular. O celular passa a ser a principal variável econômica

que pode fazer a diferença no futuro do modelo de negócios a ser adotado pelo setor. Com a TV Móvel e o celular digital capazes de receberem os sinais da TV aberta, a indústria de entretenimento ganha novas alternativas de receita.

A perspectiva que se abre no setor é que o conteúdo a ser captado para o celular pode ser a programação da TV aberta, uma mistura de programação em grade ou de programas sob demanda, personalizados e permitindo um alto nível de interatividade. Mas, o que poderá realmente garantir o sucesso da TV no celular é a adaptação do conteúdo ao formato da mídia.

O movimento estruturante do setor aponta para uma situação na qual o sucesso do novo modelo de negócio vai depender dos acordos operacionais que serão feitos entre operadoras de telecomunicações, radiodifusores e provedores de conteúdos, estabelecendo novas formas de cobrar pelos serviços oferecidos e de partilhar receitas. O hábito de assistir TV no celular provocará a criação de novos horários nobres em faixas antes pouco vistas e lucrativas. A mobilidade permitirá a abertura de um novo mercado publicitário. A audiência televisiva via celular estimulará a produção de conteúdos em formatos específicos: miniepisódios dos seriados da TV. Esses filmes terão cerca de dois minutos de duração e deverão ter relação direta com as séries e telenovelas da TV aberta. Em síntese, o avanço da convergência entre as mídias forçará o estabelecimento de novas regras, um novo marco regulatório, pois os agentes envolvidos no processo hoje são regidos por legislações distintas.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 20-10-2009 a 24-10-2009.

O suicídio de trabalhadores. Os casos do Brasil e da França

Entrevista com Marcelo Finazzi

Confira nas Notícias do Dia de 20-10-2009

O trabalho pode levar ao suicídio? Muitos suicidas na Ásia e na Europa usam como justificativa a pressão e o excesso para o fato de acabar com a própria vida. A prova disso está nos 25 suicídios, só nos últimos 20 meses, ocorridos entre os funcionários da ex-estatal e hoje líder de mercado France Telecom. O brasileiro Marcelo Finazzi, que pesquisa sobre sofrimento no trabalho, traça um paralelo entre os casos francês e do setor bancário de nosso país.

Ditadura e as mulheres: de mãe e santa à bruxa e prostituta

Entrevista com Susel Oliveira

Confira nas Notícias do Dia de 21-10-2009

A historiadora Susel de Oliveira revela detalhes das torturas pelas quais algumas mulheres passaram quando presas na ditadura brasileira. Aborda, ainda, as relações de poder estabelecidas e rompidas a partir da repressão vivida naquele momento. Segundo ela, as mulheres militantes encarnavam um papel duplamente transgressor: transgrediam enquanto agentes políticos ao se insurgirem contra a ditadura e também transgrediam ao romper com os padrões tradicionais de gênero.

Ainda é possível construir um Brasil sustentável?

Entrevista com Délcio Rodrigues

Confira nas Notícias do Dia de 22-10-2009

Délcio Rodrigues fala dos desafios da Conferência de Copenhague e aborda a questão das migrações para as fontes de energia renováveis e sobre a construção de um país sustentável. “De que maneira um país como o Brasil construiu um formidável parque gerador de eletricidade renovável e tem o maior programa de combustíveis renováveis do planeta, admirado no mundo inteiro?”, pergunta. Ao mesmo tempo, temos uma sociedade com muitos excluídos e muitos problemas, inclusive ambientais, daí derivados, pondera.

Anitápolis: a batalha contra a fertilizadora continua

Entrevista com Eduardo Bastos

Confira nas Notícias do Dia de 23-10-2009

O advogado da ONG Montanha Viva, Eduardo Bastos, analisa o projeto de instalação de uma fertilizadora em Anitápolis, Santa Catarina, mantida pela Bunge e Yara Brasil. A fábrica afetaria ambiental e socialmente os 21 municípios da região. De acordo com Bastos, seria melhor se o dinheiro fosse aplicado em projetos de fosfato, mas utilizando esterco de porco, porque a agressão ambiental seria muito menor.

“O jeans faz parte deste mundo totalmente globalizado”

Entrevista com Lu Catoira

Confira nas Notícias do Dia de 24-10-2009

“Muitas vezes, as pessoas até procuram ou gostam muito de um determinado modo de se vestir, mas, na hora que vai procurar um emprego ou trabalhar, se obriga a vestir-se de outra maneira, da maneira do seu grupo. Há necessidade de estar inserido socialmente. Este é o principal foco da moda”, acredita a jornalista.

Siga o Twitter do IHU
http://twitter.com/_ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

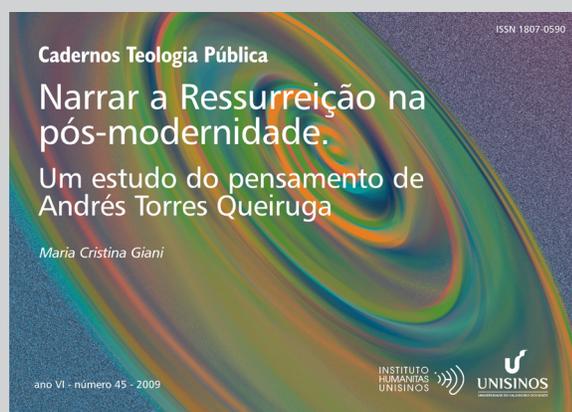
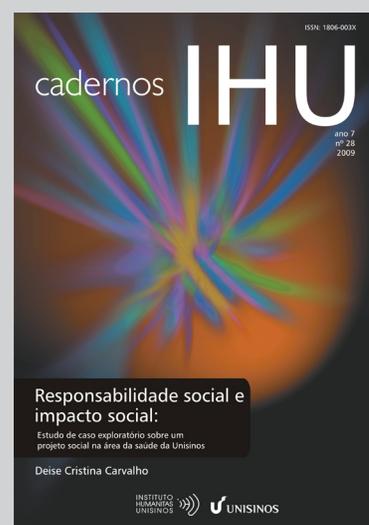
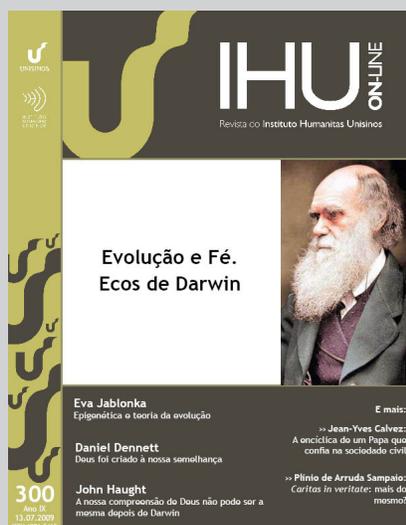
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 26-10-2009
<i>Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009</i> Texto de referência de Octavio A. Camargo Conceição, <i>Cadernos IHU Ideias</i> , nº 78, 2007. (MICHAEL AGLIETTA: DA TEORIA DA REGULAÇÃO À VIOLÊNCIA DA MOEDA)
Dia 27-10-2009
<i>Fórum sobre Indicadores Socioeconômicos e Políticas Públicas: realidades e possibilidades para o Vale dos Sinos - Módulo II</i> Veralice Maria Gonçalves - DATASUS - Ministério da Saúde e Vagner Santos - Escola de Saúde Pública/RS Indicadores Socioeconômicos e a Política de Saúde no Vale do Rio dos Sinos
Dia 29-10-2009
<i>IHU Ideias</i> Prof. Dr. Paulo Brack - UFRGS O futuro em Copenhague? - mudanças e mudanças Horário: Das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Participe dos eventos do IHU

A programação completa está
disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br

Copenhague: uma convenção para além de “boas intenções”?

Na opinião do biólogo Paulo Brack, os governos estão distantes do real problema climático e da crise ecossistêmica. Copenhague não deve representar avanços, lamenta

POR PATRICIA FACHIN

A Convenção do Clima que acontece no início de dezembro, em Copenhague, capital da Dinamarca, e as propostas de redução de metas de emissão de gases de efeito estufa representam muito mais uma “carta de ‘boas intenções’”. A posição é defendida por Paulo Brack, na entrevista a seguir, concedida por e-mail, à **IHU On-Line**. Para o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, o setor ligado ao grande capital não aceita regras e, por isso, o encontro em Copenhague não deve promover avanços consideráveis.

Políticas de médio e longo prazo como as sugeridas para atingir metas de emissões não servem mais, assegura o pesquisador, que sugere prazos de reavaliação de acordos mais curtos: “Talvez convenções a cada cinco anos”.

Na entrevista que segue, Brack critica ainda a atuação dos movimentos ambientais e alerta que, no debate climático, empresas podem ganhar destaque com propostas para solucionar as emissões de carbono. “Quem garante que essa falsa solução de empresas não ganhe espaço em Copenhague?”, questiona. Para ele, os movimentos ambientais devem avançar nas discussões e considerar as questões climáticas também como um problema político. “Pedir simplesmente energias renováveis e clamar que Lula vá a Copenhague é deixar o problema na superficialidade. Essas propostas, quando adotadas, são muito mais analgésicos para um problema crônico de saúde ambiental e de uma pandemia do modelo econômico de esgotamento”, constata.

Paulo Brack é o convidado do IHU Ideias desta semana e estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na próxima quinta-feira, 29-10-2009, às 17h30 min, proferindo a palestra O futuro em Copenhague? - mudanças e mudanças. O encontro acontece na sala 1G 119.

Brack é mestre em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos. Entre 2006 e 2008, foi membro da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança - CTNBio e, atualmente, representa o Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais - Ingá, no Conselho Estadual do Meio Ambiente do RS - Consema-RS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são suas expectativas em relação à Convenção do Clima que ocorre em Copenhague?

Paulo Brack - Creio que as expectativas ainda não são as melhores, em grande parte porque a questão está na mão dos governos. A sociedade deveria participar intensamente do processo de discussão. Mas, infelizmente está ainda muito afastada do tema. No que se refere aos principais países que coordenam estas negociações, pode-se verificar que as propostas reais, que deveriam ser ousadas ou mesmo minimamente consensuadas, não estão postas na mesa. Os governos estão distante do real problema climático

e da crise ecossistêmica que atinge a maior parte das nações e compromete nosso futuro. O quadro é muito grave, mas a doença econômica atingiu profundamente as mentes dos gerentes de nossas vidas. Ou o IPCC está mentindo, bem como os cientistas sérios da área ambiental, quando afirmam que a situação é muito grave, ou os governos estão loucos em, simplesmente, considerar somente soluções paliativas. A crise financeira de setembro do ano passado poderia ser uma das últimas chances para a mudança. Tudo indica que não adiantou muito. Os representantes dos governos responderam com falsas soluções, meramente econô-

micas de curto prazo, que acabaram incrementando o atual modelo industrial, altamente emissor de gases de efeito estufa (GEE). O governo brasileiro incrementou, por exemplo, a compra de automóveis individuais, fato que denota total insensibilidade e, ademais, vai na contramão da necessidade de se adotar as medidas mais básicas que diminuam esses gases. Então, o que esperar deles? Não dá para esperar. Vamos ter que pautar, se ainda há tempo, um processo verdadeiro e participativo para abarcar o problema.

IHU On-Line - Alguns países desen-

volvidos como os EUA e emergentes como o Brasil ainda não manifestaram compromissos em assumir metas de redução das emissões de gases de efeito estufa. O que justifica e explica tal relutância? Isso tende a dificultar as negociações e a estabelecer metas concretas em Copenhague?

Paulo Brack - O setor ligado ao grande capital, que dita os rumos econômicos dos países (desenvolvidos ou emergentes), não aceita, e nunca aceitou, regras. O Brasil, representado por seu governo, considera que as soluções para a redução dos GEE, como o CO2 e o metano, poderiam interferir no “desenvolvimento”. Assim, nossos representantes oficiais são agentes deste impasse. Ademais, perdura o tema da Amazônia, que nem de longe está bem encaminhado. E quando o governo levanta uma proposta é, justamente, para abrir caminho às “oportunidades”. Estas estão evidenciadas pelo incentivo aos agrocombustíveis, infelizmente, baseados em monoculturas, e às energias “renováveis”, ainda decorrentes da produção calcada em grandes hidrelétricas de alto impacto ambiental. O impasse brasileiro ficou manifesto quando, no dia 16 de outubro, o negociador-chefe do Brasil para o assunto do acordo das emissões, Luiz Alberto Figueiredo Machado, representante do Itamaraty, afirmou que as negociações para a Conferência da ONU sobre mudanças climáticas estão em “uma fase muito difícil” e é possível que se chegue a Copenhague sem consenso e sem vontade de, realmente, mudar o quadro. Na verdade, o governo brasileiro joga a responsabilidade do problema para as nações desenvolvidas, podendo, talvez, assumir algum comprometimento com algumas metas de redução de emissões se houver financiamento dos países desenvolvidos para os emergentes.

IHU On-Line - Países que participam da Convenção do Clima em Copenhague falam em metas de redução de 40% até 2050. Quais são, em sua opinião, metas corajosas e de impacto para combater as mudanças climáticas?

Paulo Brack - O secretário-geral da

ONU, Ban Ki-moon, fez um apelo recente em favor de ações imediatas em relação à redução das emissões. Na prática, 2050 pode ser tarde. Vamos esperar 40 anos? Isso é sério. É mais fácil, para governantes de visão imediatista, jogar o problema para o futuro. Melhor dizendo: esta proposta seria uma forma de “tocar com a barriga” para os governos que virão. E - convenhamos - as políticas de cada administração têm validade de quatro a cinco anos. Alguém conhece planos governamentais que perpassem os mandatos destes prazos curtos de seus mandatos? Deveriam ser adotadas metas onde os prazos fossem mais curtos, atingindo etapas de um processo que poderia ser reavaliado a cada cinco anos, por exemplo. Políticas de médio e longo prazo não parecem ser algo muito verossímil nos dias atuais. É muito mais uma carta de “boas intenções”, o que não serve mais diante do quadro grave do atual quadro climático mundial.

IHU On-Line - Em que medida as mudanças climáticas deixam de representar apenas um problema climático e transcendem para um dilema social e econômico?

Paulo Brack - A crise climática faz parte da crise ecossistêmica. A situação socioambiental está se tornando insuportável. Exagero? Os dados de assassinatos no Brasil falam por si só. Entre as dez cidades com maiores índices de homicídios, sete estão situadas justamente na região do Arco do Desmatamento, segundo dados da OEI (Organização dos Estados Ibero-Americanos). Coincidência? Estamos destruindo a floresta amazônica e o cerrado, emitimos GEE, derivados das queimadas e do desmatamento, e esta realidade está longe da pauta dos governos. A situação das grandes cidades também é de uma violência extraordinária e uma exclusão galopante. Mas, a pauta agora é a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Temos que decifrar o que o planeta está sinalizando. Entender isso é fundamental. Mas a circunferência da bola de futebol chama mais a atenção do que a outra, mais complexa, representada pelo planeta Terra.

IHU On-Line - Considerando a atual situação climática, econômica e social do planeta, que medidas precisam ser acordadas com urgência em Copenhague?

Paulo Brack - Se partirmos de uma boa e sincera disposição dos governos para enfrentar o problema - o que parece não ser o caso - o acordo deveria prever uma avaliação das responsabilidades, principalmente daqueles que controlam o modelo atual de “desenvolvimento”. O Brasil, por exemplo, tem uma economia de exportação para os países mais desenvolvidos que o coloca, em parte, como refém de um setor agrícola e industrial, altamente demandante de fontes de energia que estão neste círculo vicioso da emissão do GEE. Esse é um tema que deveria fazer parte da pauta de discussão. Outra questão é que o prazo de reavaliação das metas e dos acordos deveria ser muitíssimo mais curto que os 40 anos previstos. Talvez, convenções a cada cinco anos. Porém, os acordos necessitariam incorporar a participação da sociedade. Mas isso não cai do céu. A demanda por acordos verdadeiros já está sendo apresentada, por exemplo, pelos Amigos da Terra Internacional, especialmente um grupo desta ONG no Chile, quando levantam a bandeira pela Justiça Climática e Ambiental. Creio que se poderia agregar Justiça Climática e Socioambiental. Mas isso seria viável neste sistema capitalista da globalização do “vale-tudo-econômico”? O tal MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo) já demonstrou que não é o caminho, pois, justamente, joga a questão para o Mercado Global, o grande vilão de tudo isso.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a movimentação de grandes empresas e movimentos sociais e ambientais, por exemplo, em relação ao encontro e as propostas possíveis na Convenção do Clima?

Paulo Brack - Bom, na minha avaliação, a situação ainda é de muita disputa. As empresas querem manter sua imagem, em parte maculada por sua responsabilização maior ou menor no assunto, e o modelo sem mudanças substanciais. Querem incrementar o

MDL. E também jogam com as oportunidades de expandirem seus negócios, por exemplo, com a implantação de projetos com megamonoculturas arbóreas com fins industriais. Assim, não querem discutir a enorme contradição na implantação dos gigantescos desertos verdes de eucalipto e pinus, pois, de maneira cartesiana, mais uma vez, encontram uma “solução” para fixar carbono. Por sorte o Protocolo de Kyoto não considerou isso, mas a Bolsa do Clima de Chicago sim. Quem garante que essa falsa solução de empresas não ganhe espaço em Copenhague? Assim, as empresas estão longe de enfrentar o problema, principalmente as grandes, pois são geridas por uma lógica de acumulação ilimitada, que é inviável diante das premissas mais básicas da sustentabilidade ecossistêmica. Elas não aceitam limites, pois o capital nunca os aceitou. Por outro lado, o Greenpeace tem algumas propostas bem objetivas, muito mais técnicas. Essas, infelizmente, em minha opinião, tangenciam o real problema, que já é ecossistêmico. O problema central é político. De modelo. Não tem soluções meramente técnicas. Perder simplesmente energias renováveis e clamar que Lula vá a Copenhague é deixar o problema na superficialidade. Essas propostas, quando adotadas, são muito mais analgésicos para um problema crônico de saúde ambiental e de uma pandemia do modelo econômico de esgotamento. Mas levantar esse problema incomoda o sistema econômico que reina no mundo.

IHU On-Line - O REDD (Redução de Emissões para o Desmatamento e Degradação) é visto como uma alternativa importante no sentido de preservar as florestas e tem sido apontado com grande expectativa nas discussões pré-Copenhague. Essas medidas podem trazer resultados satisfatórios na redução de gases de efeito estufa?

Paulo Brack - Diferentemente do MDL, que não considera as florestas naturais remanescentes, o mecanismo REDD propõe compensações financeiras aos proprietários que se comprometem a proteger suas florestas nativas por pelo menos meio século. Creio que o

modelo de dar valor econômico para a floresta em pé, ou para o desmatamento evitado, tem que ser melhor avaliado. A proposta parece boa, mas se for realizada sem um conjunto de outras medidas que incluam, por exemplo, a proteção e o resgate da biodiversidade e a inclusão social no campo, em modelos sustentáveis, onde o latifúndio das monoculturas químico-dependentes não tenha mais espaço. Não existe um ou outro caminho isolado, ainda mais neste quadro em que o Estado está se afastando dos direitos da sociedade e se tornando cada vez mais servil às soluções mágicas de mercado. Não existem soluções isoladas para problemas sistêmicos.

IHU On-Line - Como o senhor vislumbra a participação brasileira no encontro?

Paulo Brack - O governo Lula já demonstrou, por inúmeras vezes, que somente atua nas demandas ambientais muito mais ambicionando uma visibilidade internacional do que realmente representando um projeto de nação ecosoberana. Nosso diferencial, representado pela enorme biodiversidade e a sociodiversidade, inclui elementos que jazem nas pautas deste e dos governos que o antecederam. O alegado prejuízo econômico redundante de uma visão convencional e imediatista, em um “desenvolvimento”, onde o modelo é do gigantismo, ou dos EUA ou da China. Creio que o núcleo duro do governo brasileiro que comandará a posição do Brasil, representado pelos setores da área econômica e do desenvolvimento, está muito mais interessado nas “oportunidades” do tema, levando em conta nossa riqueza em potenciais ditos convencionalmente “renováveis” de energia (rios e biomassa), onde a biodiversidade não vale nada diante do paradigma da grande escala de produção.

IHU On-Line - Que novo modelo econômico de desenvolvimento é compatível com as mudanças climáticas?

Paulo Brack - A pergunta é profunda demais para ser respondida por uma só pessoa e por poucas palavras. O novo modelo talvez deva ser o da compati-

bilidade do processo econômico da desacumulação, o que verdadeiramente é mais ecológico. O desapego a esta sociedade de consumo e acumulação é a postura mais justa e verdadeira para nos salvar desta situação. Isso faz bem à saúde mental e à saúde do planeta. Ocorre que o sistema econômico de acumulação está profundamente doente e nos arrasta para o abismo climático e socioambiental, ou ecossistêmico. Temos tempo para refletir sobre isso, pelo menos para vivermos um pouco mais felizes.

IHU On-Line - Qual é o risco para o planeta se ocorrer um atraso do acordo climático mundial em Copenhague?

Paulo Brack - Se a questão for colocada da maneira com que é apresentada, realmente, as chances são grandes de não dar em nada, resultando em um pseudo-acordo, o que é mais provável. Talvez, as catástrofes que se avizinham, lamentavelmente, serão a oportuna mexida para acordos climáticos e sócio-ambientais mais verdadeiros.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo que considera importante?

Paulo Brack - Ocorreu uma situação inusitada que me foi relatada há umas poucas semanas. A população de Aranguá, SC - uma das cidades brasileiras que mais sofre de eventos climáticos - participou ativamente de um debate nacional sobre o tema das mudanças climáticas neste mês de outubro, em um evento que ocorreu no próprio município. De acordo com ambientalistas que participaram do evento, o assunto foi encarado com enorme interesse por quase mil pessoas, inaugurando, talvez, uma das demandas locais que estão tocando de perto os brasileiros de todas as idades. Se outras cidades brasileiras trouxerem o tema das mudanças climáticas e também fizerem a ligação com o problema profundo do abuso do modelo de vida, que cria tudo isso, talvez estejamos abrindo mais um espaço, genuíno, para a busca de um outro modo de vida, mais sustentável, justo e feliz, que não se confronte com a vida.

Sala de Leitura

BORIS CYRULNIK

AUTOBIOGRAPHIE
D'UN ÉPOUVANTAIL

>> CYRULNIK, Boris. *Autobiographie d'un épouvantail* (Paris: Odile Jacob, 2008)

“Na sua recente obra, o neuropsiquiatra e etólogo, Boris Cyrulnik, um dos maiores

especialistas em resiliência, escreve como biógrafo de casos de pessoas que padecem em situações traumáticas. Estes “espantalhos”, feridos por perdas, violência e outras adversidades se enfrentam a duas possibilidades: ou se abandonam ao sofrimento, situando-se na carreira de vítimas, ou transcendem a adversidade mediante diferentes estratégias de superação. A obra relata o papel fundamental da cultura que possibilita narrativas de resiliência ou a impede, condenando ao silêncio e ao reforço do trauma”.



Susana Rocca, coordenadora do IHU Fronteiras e IHU em Movimento



>> LLOSA, Mario Vargas. *Conversa na catedral*. São Paulo: Editora ARX, 2004.

“Neste texto, o escritor peruano conta a história de dois conhecidos que se encontram em um bar, A Catedral, na cidade de Lima, e passam a relembrar seu passado. Enquanto vão revisando suas próprias vidas, o leitor vai construindo um painel da História do Peru nas décadas de 30, 40 e 50, do século XX, período em que o país andino viveu sob o jugo de uma ditadura militar. A estrutura narrativa do texto, cujo êxito se deve ao estilo diferenciado do autor, garante a interação entre leitor e obra, jogando-nos no redemoinho das ações e reflexões propostas pelas personagens”.

Márcia Duarte, professora do curso de Letras da Unisinos



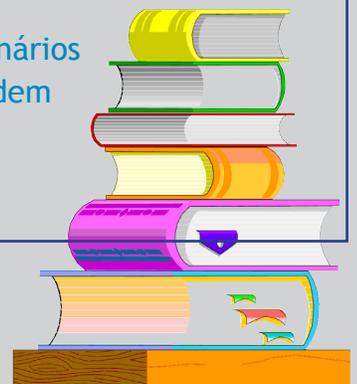
>> COSTA, Caio Túlio. *Ética, Jornalismo e nova mídia. Uma moral provisória* (São Paulo, Zahar, 2009)

“O livro é um produto da tese defendida em 2008 (ECA-USP). O autor debate as contradições e possibilidades do jornalismo no século XXI desde a filosofia, dramaturgia e literatura. Em termos de ética profissional, parte da teoria da responsabilidade social para discutir a identidade da profissão. Aborda temas como as relações entre fonte, jornalista e empresa de comunicação e público; os limites da objetividade e da imparcialidade (seriam mitos?); a busca da precisão num cotidiano premido pela urgência; os ideais de verdade, justiça e credibilidade. Numa síntese, poderíamos dizer que o autor pergunta: verdade, justiça e ética ainda são os pilares do jornalismo?”



Carlos Alberto Jahn, professor da Unidade Acadêmica de Ciências da Comunicação

>> O que você está lendo?
Compartilhe uma dica de leitura
com a IHU On-Line.
Professores e funcionários
da universidade podem
escrever para
mjunges@unisinos.br



IHU Repórter

José Carlos Moreira da Silva Filho

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Professor na unidade de Ciências Jurídicas da Unisinos, José Carlos Moreira da Silva Filho é dotado de muita simplicidade para lidar com as pessoas. Uma de suas marcas é o pano de fundo otimista que o acompanha. Na conversa que teve com a IHU On-Line, onde contou sua história de vida, ele se define como alguém que não consegue ficar muito tempo triste, embora fique, procurando sempre estar bem, ainda que isso signifique sofrimento. José Carlos se vê como uma pessoa transparente, espontânea e que tem sucesso apenas nas atividades que realmente gosta de fazer. “Meu defeito é achar que nunca tenho problemas, e isso é o que acontece com todo otimista”. Saiba mais sobre esse corintiano nascido em São Paulo, mas que teve Brasília como o principal palco de sua vida.



Origens e família - Nasci na cidade de São Paulo e saí de lá muito pequeno, com cinco anos de idade. Talvez o que trago de mais importante de lá é o fato de ser corintiano. Time a gente não escolhe, nasce com ele. Depois disso, morei três anos na cidade de Pelotas, aqui no Rio Grande do Sul, de onde saímos quando eu tinha oito anos de idade e nos mudamos para Brasília. Foi lá que vivi a maior parte da minha vida, minha adolescência e a parte mais final da infância. Minha mãe é de Porto Alegre e meu pai é baiano, mas foi criado em São Paulo. Ele é economista e trabalhou muitos anos na então Secretaria Especial de Informática do governo federal, em Brasília. Minha mãe é formada em Direito. Fez concurso para fiscal do trabalho e atuou durante um bom tempo nessa área. Em Brasília, se destacou em cargos como o de Delegada Regional do Trabalho, atuou no Ministério do Trabalho, e depois que se aposentou trabalhou como coordenadora do Conselho Nacional de Refugiados. Hoje meus pais estão aposentados e felizes, curtindo a neta, minha sobrinha, filha da minha única irmã.

Formação - Sempre gostei de estudar. Em Pelotas, onde me alfabetizei, estudei num colégio católico, o São José. E lá, na época, estava passando o filme

Marcelino, Pão e Vinho, onde o menino falava com Cristo na cruz. Eu fiquei fascinado por aquele filme e queria entrar a qualquer custo na capela para falar com Cristo. Acabei me revelando um rapaz indisciplinado para os padrões do colégio e saí de lá para um outro, em Pelotas ainda, de onde guardo muitas boas lembranças. Foi uma infância muito feliz que tive naquela cidade. Depois, em Brasília, continuei meus estudos num colégio não confessional, com um nível muito bom, onde fiz grandes amigos e onde também conheci meu primeiro amor. Fiz o segundo grau no Colégio Marista de Brasília e logo que terminei prestei vestibular para Direito e entrei na UnB. Durante minha faculdade tive o primeiro contato com a pesquisa, com o professor que hoje é o reitor da UnB, José Geraldo de Sousa Junior, que me orientou e me incluiu num projeto que desenvolve até hoje por lá, que é o direito achado na rua¹, sobre o qual até dei uma entrevista para a revista de vocês. O que posso perceber na minha formação, de modo geral, é que fui estimulado a ler e escrever. Sempre gostei de poesia e redação. No colégio onde estudei o primeiro grau tinha o *Caderno de Ouro*. O aluno que fizesse a

¹ Sobre o tema, leia a IHU On-Line número 305, de 24-08-2009, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br//index.php?id_edicao=333 (Nota da IHU On-Line)

redação mais bonita, escrevia seu texto nesse caderno. Lembro que o meu objetivo era esse. Meu pai sempre gostou muito de música e leitura e ele sempre me estimulou.

Escolha profissional - Rapidamente manifestei uma vocação para as humanidades. Não gostava de matemática, não era apaixonado pelas Ciências Biológicas, mas sempre gostei muito de história, literatura e português. Pensei de uma forma pragmática na época do vestibular. Fiz o raciocínio de que se fosse fazer faculdade nessas áreas teria dificuldade de inserção no mercado profissional, porque professor não ganhava muito. Fui fazer Direito achando que o curso me daria várias possibilidades de emprego. No fim das contas, acabei virando professor. Essa é minha ocupação número um, e para a qual sinto que tenho a maior vocação.

Ingresso na Unisinos - Fiz o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Lá, fiquei muito amigo de Salo de Carvalho, meu colega de mestrado. Ao final do mestrado, o Salo já era professor da Unisinos e me disse que havia necessidade de mais professores com titulação acadêmica no Direito. Então, em 1997 ingressei na uni-

versidade lecionando quatro disciplinas e, no segundo semestre, consegui horas de pesquisa. Em seguida, iniciou o curso de Pós-Graduação em Direito na Unisinos, o qual na época era coordenado pelo professor Leonel Severo Rocha. O curso tem um perfil interdisciplinar e exige dos professores e alunos um conhecimento não só da área do Direito, mas especialmente na área da filosofia e das ciências sociais. Depois, fiz o doutorado na Universidade Federal do Paraná. Obtive o apoio inestimável da Unisinos - fui um dos últimos professores a obter a bolsa de capacitação plena de 40 horas. Sou muito grato à instituição, porque isso me permitiu dar continuidade à carreira.

Relacionamentos e casamento

- A experiência do meu primeiro amor platônico ficou como uma referência romântica que é importante para mim hoje. No mesmo ano que vim para a Unisinos me casei com uma moça que estudava Direito em Chapecó, e que conheci na primeira palestra que dei na vida, lá em Santa Catarina. Ela se chama Lilian. Quando vim para cá ela se transferiu para a Unisinos e se formou aqui. Depois, passou num concurso para juíza aqui no Rio Grande do Sul logo na primeira tentativa e hoje é juíza estadual. Já nessa época o casamento não andava muito bem e acabou terminando. Mas foi um processo muito importante, de descoberta. E aí acabei, um tempo depois, reencontrando a mulher que hoje é a minha esposa. Conheci a Maria Tereza na época do mestrado, antes mesmo de conhecer a Lilian. Ela também é professora e pesquisadora, da área da administração, tem graduação, mestrado e doutorado pela UFRGS. A gente se entende muito bem. Moramos em Porto Alegre, no bairro Rio Branco, nós e nosso cachorro, Alvinho, um vira-lata adotado.

Autor - Dostoievsky e Guimarães Rosa.

Livro - *Dom Quixote e Grande Sertão Veredas*.

Filme - Um mais antigo: *Houve uma vez um verão* e outro mais recente: *A Vida dos Outros*.

Nas horas livres - Jogar futebol, ir ao cinema e sair com os amigos.

Um sonho - Gostaria muito de poder viver num país mais justo, menos desigual e violento, que desse visibilidade pública para sua própria história. Uma coisa que me chateia muito e, como conselheiro da comissão de anistia me chateio mais ainda, é perceber como nosso país tem dificuldade de lidar com o enfrentamento do seu passado. E isso acaba se projetando para todas as pessoas e seus grupos, e essa é uma tendência que acaba arrastando todos nós. Viver num país que tivesse maior compromisso com isso traria uma sociedade melhor. É uma utopia, talvez com um pouco de vício da ideia do progresso, da qual os modernos todos são filhos.

Relação com o transcendente

- Desde minha infância sempre fui muito interessado nessa questão, perguntando para meu pai muitas vezes sobre Deus. Isso foi se transformando ao longo do tempo. No começo da minha adolescência desenvolvi minha religiosidade voltada para o espiritismo kardecista, pois meu pai é um devoto fervoroso até hoje. Depois disso, fui migrando para outras experiências, todas elas envolvidas com essa questão da espiritualidade. Com o tempo, fui me despidendo de representações mais institucionalizadas desse nível transcendente. Hoje me definiria como uma pessoa que não tem uma religião específica, e é até difícil, para mim, formular um conceito de Deus. Talvez eu me aproximasse de ser um agnóstico. Não me vejo como uma pessoa com possibilidade de conhecer tudo e se bastar. Sinto que há uma transcendência, que envolve a condição humana, a qual estamos vinculados, de não ter controle total de quem se é, de sermos fruto de quem veio antes, e de projetarmos para um futuro sobre o qual não temos nenhum controle. Acredito

nessa transcendência sob o ponto de vista existencial, aceitando essa beleza como um mistério.

Desafios na área do direito hoje - Um dos principais desafios no direito hoje é a mudança de mentalidade por parte das pessoas que atuam mais diretamente e profissionalmente dentro da esfera jurídica.

Política - Algo que se apresenta de uma forma mais próxima no Brasil de hoje, mas ao mesmo tempo revela uma dificuldade que vem de séculos. Tal dificuldade não chega a me transformar numa pessoa que não acredite na política ou acha que possa abrir mão dela, pois, como diz o velho ditado, quem não gosta de política é governado por quem gosta.

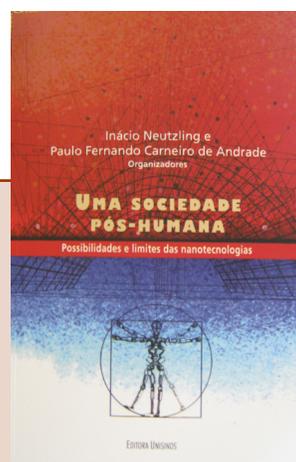
Unisinos - Admiro muito a Unisinos e me identifico com a instituição. Aprendi que apesar de gostar muito da instituição não devo me confundir com ela. Ela tem sua lógica própria. Mas o que posso dizer é que apesar de todos os desafios e as agruras que fazem parte da trajetória de qualquer pessoa e instituição, eu realmente vejo a Unisinos como uma universidade ímpar em vários sentidos, na qualidade do tratamento das pessoas, no investimento na pesquisa, e a própria biblioteca já é um sinal claro disso. O IHU é uma das razões muito fortes dessa admiração que tenho pela Unisinos, assim como a Editora Unisinos.

IHU - Vejo o papel do IHU muito mais longe, mais amplo, do que algo dentro da Unisinos. Para a Unisinos, sua função seria de imprimir uma identidade visível na instituição, de colocar uma marca, um selo nela, do seu compromisso humanista, com as causas dos menos favorecidos, as pessoas que mais precisam, e de ter sempre uma sede por justiça e por uma melhoria da situação atual. O IHU tem sempre uma postura muito crítica, o que eu vejo como mais importante a ser ensinado dentro de uma faculdade.

Destques

Uma sociedade pós-humana

Cibercentauros. Pós-humanos. Nanotecnologia. Hiper-homens. O que essa nova nomenclatura revela sobre nossa nova condição, como sujeitos inseridos na pós-modernidade e investidos de um poderio tecnológico nunca antes suspeitado? Esses são os temas que norteiam a coletânea *Uma sociedade pós-humana. Possibilidades e limites das nanotecnologias* (São Leopoldo: Unisinos, 2009), resultado do VIII Simpósio Internacional IHU, realizado em 2008. O filósofo da ciência **Timothy Lenoir** contribui com o artigo *Biotécnica, nootécnica e nanotécnica. Desafios para as ciências humanas*. A antropóloga argentina **Paula Sibilia** escreve sobre *A tecnociência contemporânea e a ultrapassagem de limites: uma mutação antropológica?* Já o físico **Luiz Alberto Oliveira** fala a respeito dos *Cibercentauros. Sobre a possível hibridização entre homens e máquinas*. O livro pode ser adquirido na Livraria Cultural que, durante a Feira do Livro, o vende com 20% de desconto.

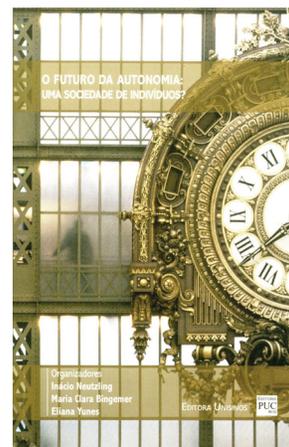


Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica em livro digital

Os textos das oficinas, minicursos e comunicações do X Simpósio Internacional IHU: **Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades**, realizado em setembro, estão disponíveis em um livro digital. A obra pode ser consultada e salva gratuitamente através do sítio www.ihu.unisinos.br, bem ao final da página, no ícone “Publicações”. Os textos das grandes conferências e das conferências simultâneas do X Simpósio Internacional IHU estão sendo preparados para publicação impressa.

O futuro da autonomia

Qual é o futuro da autonomia? Nossa sociedade se converterá num aglomerado de indivíduos? O questionamento, que norteou o VII Simpósio Internacional IHU, em 2007, serve como base para os artigos recém publicados na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). Os caminhos e descaminhos dessa autonomia são foco do texto do psicanalista **Benilton Bezerra Jr.**, intitulado *Retraimento da autonomia e patologia da ação: a distímia como sintoma social*. O também psicanalista **Charles Melman**, francês, analisa os desafios e perspectivas dessa autonomia. O sociólogo francês **Robert Castel** parte do escopo de sua área de estudos para examinar esse tema complexo e apaixonante, que é o futuro da autonomia. O livro pode ser adquirido na Livraria Cultural que, durante a Feira do Livro, o vende com 20% de desconto.



Apoio:



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS